

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

“A teoria das multiplicidades na obra de Deleuze & Guattari:  
investigações acerca de uma clínica esquizoanalítica.”

Filipe Antonio Sarti

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,  
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como  
parte das exigências para a obtenção do título de  
Mestre em Ciências. Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2006

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

“A teoria das multiplicidades na obra de Deleuze & Guattari:  
investigações acerca de uma clínica esquizoanalítica.”

Filipe Antonio Sarti

Reinaldo Furlan

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,  
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como  
parte das exigências para a obtenção do título de  
Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2006

## FICHA CATALOGRÁFICA

Sarti, Filipe Antonio

A teoria das multiplicidades na obra de Deleuze & Guattari:  
investigações acerca de uma clínica esquizoanalítica.

Ribeirão Preto, 2006.

86 p. : il. ; 30 cm

Dissertação, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e  
Letras de Ribeirão Preto / USP – Dep. de Psicologia e Educação.

Orientador: Furlan, Reinaldo

1. Multiplicidade. 2. Esquizoanálise. 3. Construtivismo.

# A TEORIA DAS MULTIPLICIDADES NA OBRA DE DELEUZE & GUATTARI

Novembro / 06

## Sumário

<i>Resumo</i> .....	4
<i>Abstract</i> .....	4
 INTRODUÇÃO	
<i>I. Crítica e clínica do pensamento</i> .....	5
<i>II. Programa e método</i> .....	10
 CAPÍTULO 1: MULTIPLICIDADES REAIS	
<i>1.1. Ciência das multiplicidades</i> .....	12
<i>1.2. Estética das multiplicidades</i> .....	17
<i>1.3. Etologia dos afetos</i> .....	25
 CAPÍTULO 2: DESTERRITORIALIZAÇÃO	
<i>2.1. Territórios existenciais</i> .....	32
<i>2.2. Ritornelos existenciais</i> .....	41
<i>2.3. Estratificação e consistência</i> .....	50
 CAPÍTULO 3: SUPERFÍCIE DO PENSAMENTO	
<i>3.1. Linhas de experimentação</i> .....	57
<i>3.2. O pensamento nas dobras</i> .....	62
<i>3.3. Cristais de tempo</i> .....	67
 CONCLUSÃO.....	 73
 REFERÊNCIAS .....	 78

## Resumo

SARTI, Filipe Antonio (2006). A teoria das multiplicidades na obra de Deleuze & Guattari: investigações acerca de uma clínica esquizoanalítica. Dissertação de Conclusão do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto (Orientador: Prof. Dr. Reinaldo Furlan).

A teoria das multiplicidades de Deleuze & Guattari introduz um projeto construtivista que se fundamenta em um monismo das intensidades puras. A construção de uma multiplicidade responde ao problema de composição para um material de expressão capaz de efetuar uma desterritorialização das intensidades, de promover a heterogênese das qualidades de um território existencial. A pesquisa propõe um método intuitivo que segue duas linhas: a linha crítica procura distinguir as diferenças de natureza entre as durações heterogêneas ou as articulações do real; a linha clínica procura individuar a natureza da diferença através da experimentação. O objetivo é chegar a um método de precisão para a análise das relações entre as intensidades em uma multiplicidade real, entre a conservação do passado nas dobras da memória e a encarnação do presente nas redobras da matéria. Os resultados sugerem que as multiplicidades são devires que passam pela diferença entre as intensidades atuais e a memória virtual, entre o cérebro que contrai as quantidades físicas e as qualidades sensíveis que as duplicam em uma multiplicidade cerebral-temporal. Os devires formam assim “cristais de tempo”, em que se dá a oscilação entre o atual e o virtual.

*Palavras-chave:* multiplicidade; esquizoanálise; construtivismo.

## Abstract

Deleuze & Guattari's theory of multiplicities introduces a constructivist project founded in a monism of pure intensities. The construction of a multiplicity responds to the task of composition for an expression matter able to effectuate a desterritorialization of the intensities, to promote the heterogenesis of the qualities for an existential territory. The research proposes an intuitive method which takes two lines: the critic line attends to distinguish the differences of nature between heterogenic durations or the articulations of the real; the clinic line attends to individuate the nature of difference through experimentation. The objective is to get on a method of precision for the analysis of relations between the intensities in a real multiplicity, between the conservation of the past in the doubles of the memory and the incarnation of the present in the redoubles of the matter. The results suggest that the multiplicities are becomings through the difference between the actual intensities and the virtual memory, between the brain that contracts physical quantities and the sensitive qualities that duplicates them in a brain-time multiplicity. These becomings form thus “time crystals”, in which occurs an oscillation between actual and virtual.

*Keywords:* multiplicity; schizoanalysis; constructivism.

# INTRODUÇÃO

## I. Crítica e clínica do pensamento

O presente estudo se apresenta como uma investigação metodológica acerca de da obra *Mil Platôs* (2002), de Gilles Deleuze e Félix Guattari. A pesquisa se propõe a tratar de alguns aspectos concernentes a duas importantes áreas de aplicação da filosofia dos autores, que põe em foco de análise a produção da diferença na multiplicidade real: a investigação busca entender como esse conceito de multiplicidade se aplica em uma *crítica da ontologia* e em uma *clínica psicológica*. Com efeito, a crítica e a clínica foram campos epistemológicos incessantemente trabalhados por Deleuze ao longo de sua obra, no sentido de colocar tanto o problema da crítica em termos clínicos, quanto o problema da clínica em termos críticos. Mas isto não quer dizer que buscaremos no pensamento deleuzeano uma relação dialética entre essas duas áreas de conhecimento: na verdade, em Deleuze os problemas colocados por ambas surgem dentro de um novo horizonte, onde suas fronteiras epistemológicas se alargam e se misturam.

Deleuze submete a ontologia a uma crítica radical, voltada para os princípios, com o objetivo de praticar uma filosofia inspirada no bergsonismo, uma filosofia que seja propriamente chamada de “teoria das multiplicidades”. A marca importante desse pensamento é a concepção de diferença, que Deleuze destaca da obra de Bergson com o objetivo de definir uma assinatura para a sua própria filosofia. O bergsonismo permitiu a Deleuze conceber uma teoria das multiplicidades livre da dialética do Uno-múltiplo, uma filosofia que afirma a *diferença genética* entre a matéria atual e a duração virtual. Assim, a crítica da ontologia é uma revisão dos princípios que levam ao recalque das diferenças de natureza e à colocação de falsos problemas para o conhecimento do real. A função da crítica é focalizar o verdadeiro problema, que é a produção das relações

diferenciais que compõem o real como uma multiplicidade, como uma articulação entre elementos de natureza heterogênea: assim, a heterogênese da realidade nada mais é que a expressão da diferença entre as qualidades intensivas da matéria. Deleuze e Guattari resumem essa proposta crítica na fórmula “pluralismo = monismo”.

É em defesa desse conceito de multiplicidade que Deleuze e Guattari definem o desejo como produção da diferença e propõem uma clínica do real na sua “literalidade”. Com efeito, uma multiplicidade é propriamente a expressão de *uma vida*, um campo de intensidades que se diferencia em função das singularidades sensíveis que ele integra. Contudo, as multiplicidades não recobrem o conceito fenomenológico de mundo vivido: este compreende a unidade do Ser, enquanto que aquelas compreendem blocos de devir. A expressão do múltiplo se dá não como diferença ontológica entre modos existenciais do ser-no-mundo, mas como diferença transcendental entre uma pluralidade de mundos, entre existências virtuais e heterogêneas. É nesse sentido que a crítica se mostra capaz de ampliar o campo epistemológico da clínica: a crítica põe o problema da diferença em termos de sua expressão literal, afastando-se assim da proposta da fenomenologia.

O mundo é o conjunto dos sintomas cuja doença se confunde com o homem. A literatura aparece, então, como um empreendimento de saúde [...]. Qual saúde bastaria para libertar a vida em toda parte onde esteja aprisionada pelo homem e no homem, pelos organismos e gêneros e no interior deles? (DELEUZE, 1997, p. 13-14).

A literatura é um campo transcendental de experimentação e criação de modos existenciais: a escrita como movimento do devir, como potência de cura capaz de se libertar dos sintomas e promover a saúde. Como crítica da ontologia, a literatura ganha a força de uma prática clínica, voltada para a transmutação dos valores que negam a vida em valores que a afirmam. “A saúde como literatura, como escrita, consiste em inventar um povo que falta” (Ibid., p. 14). Nesse sentido, a clínica se mostra diretamente política, pois coloca o devir do mundo em termos de expressão literal da diferença, da produção desejante de mundos e povos minoritários que habitam a virtualidade da história.



A literatura é delírio e, a esse título, seu destino se decide entre dois pólos do delírio. O delírio é uma doença, a doença por excelência a cada vez que erige uma raça pretensamente pura e dominante. Mas ele é a medida de saúde quando invoca essa raça bastarda oprimida que não pára de agitar-se sob as dominações, de resistir a tudo o que esmaga e aprisiona e de, como processo, abrir um sulco para si na literatura (DELEUZE, 1997, p. 15).

Com efeito, no pensamento deleuzeano a crítica dos princípios ontológicos se faz em prol de uma clínica que se dedica à análise dos fenômenos e uma avaliação ética dos sintomas em função dos *graus de intensificação da vida* que neles se produzem. Importante “anti-princípio”, que nada possui de negativo, pois opera positivamente na construção das relações imanentes de um fenômeno, dos movimentos de desejo que se atravessam em um campo de multiplicidades. Essa ética permite uma análise do sintoma como uma articulação de afetos singulares, como expressão de *uma vida na imanência*. Isto seria o essencial da investigação que propomos no primeiro capítulo deste estudo: passar pelas principais etapas da crítica da ontologia e chegar à definição de um critério ético capaz de orientar a clínica no sentido de potencializar a vida através dos processos de atualização das singularidades que compõem um sintoma.

A clínica psicológica é o campo em que Deleuze promove o encontro inusitado entre as filosofias de Bergson e Nietzsche, graças a uma superposição entre os conceitos de “impulso vital” e “vontade de potência”. Essa síntese original entre o vitalismo e a genealogia se apresenta nos seguintes termos: em Bergson, a crítica servia para eliminar as ilusões e colocar o verdadeiro problema da diferença, enquanto que, em Nietzsche, a análise visava interpretar a composição múltipla do fenômeno e avaliar os processos de apropriação do sentido, colocando em evidência a produção dos valores que configuram suas relações de força imanentes. O conceito de impulso vital nos permite analisar as *diferenças de natureza* entre as durações virtuais que integram um fenômeno, enquanto que o conceito de vontade de potência nos permite avaliar a *natureza da Diferença* na sua literalidade, como um campo de intensidades sempre em devir.

As diferenças de natureza aparecem nos fenômenos como mistos que reúnem sempre componentes qualitativamente heterogêneos em uma multiplicidade de relações. Essas diferenças seriam inseparáveis dos mistos sem um método capaz de captá-las no real e seguir suas mutações: Bergson chamava de *intuição* ao método capaz diferenciar as durações heterogêneas e acessar o real diretamente, em seu devir perpétuo. Nesse sentido, intuir é pensar a duração, captar um fenômeno em seu processo de heterogênese e experimentar o devir-intenso das relações diferenciais dadas entre seus componentes. Deleuze e Guattari valem-se da intuição não só para combater as ilusões e eliminar os falsos problemas do conhecimento, mas também para medir as *velocidades diferenciais*, as taxas de atualização dos movimentos intensivos em uma multiplicidade real.

O impulso vital opera como um vetor de diferenciação, como uma força virtual que se atualiza sobre um fluxo de intensidades de acordo com taxas de velocidade e lentidão. Assim, suas relações variam segundo graus de potência de afetar e ser afetado: os fluxos quantitativos se diferenciam pela qualidade (ativa ou reativa) das forças que se articulam no real. Essas relações entre as diferenças qualitativas tornam-se expressivas quando uma vontade de potência (afirmativa ou negativa) dominante integra os fluxos quantitativos e produz um corpo pleno, uma “matéria de expressão”. Ou seja, as forças ativas e reativas articulam as qualidades da matéria para compor *territórios existenciais*, enquanto a vontade de potência dominante produz movimentos de *desterritorialização* e *reterritorialização* da matéria de expressão. A territorialidade depende do agenciamento semiótico-pragmático que se produz entre as forças territorializantes (expressão) e as forças territorializadas (conteúdo), enquanto a desterritorialização é a linha de fuga que projeta essas relações em movimentos infinitos com taxas de velocidade de atualização. Os moduladores que compõem os agenciamentos nos levam a uma *análise qualitativa* dos territórios e a uma *análise quantitativa* dos movimentos de desterritorialização.

Nisto se define a proposta do segundo capítulo: aplicar o critério fundamental da esquizoanálise na preparação de um “procedimento clínico” para a análise literal dos fenômenos enquanto multiplicidades reais, ou seja, enquanto devires em que se produz um aumento quantitativo do número de relações entre suas qualidades heterogêneas. Deleuze e Guattari chamam esse método de *cartografia*, pois ele tem por objetivo mapear as relações diferenciais que distribuem os diferentes estados intensivos da matéria sobre um plano de consistência.

A cartografia dos fluxos de desejo combina a análise literal dos territórios com a avaliação dos *ritornelos existenciais* em que as relações de força ganham consistência. O conceito de ritornelo passa a operar diretamente no campo dos sintomas, uma vez que permite avaliar a repetição que neles se atualiza em relação com a diferença que eles mascaram, mas que permanece sempre enquanto potência: trata-se de resgatar o sentido múltiplo do sintoma através de uma análise das singularidades sensíveis que o constitui. Assim, a clínica se define como campo de experimentação onde os estratos orgânicos, significantes e subjetivos do sintoma podem ser desarticulados, em prol dos processos que potencializam a expressão da vida.

Por fim, no terceiro capítulo, o objetivo é aprofundar a investigação em alguns temas tratados nos capítulos anteriores, especialmente aqueles que são mais importantes para a construção de *linhas de experimentação* na clínica psicológica. Esses temas se condensam em torno do conceito de devir, que buscamos trabalhar valendo-nos também de outras obras dos autores. A crítica e a clínica do pensamento passam então a operar em uma zona de transversalidade, uma vez que a afirmação do devir se define como uma dupla afirmação: como afirmação múltipla do Ser (a memória como devir-reativo das dobras no pensamento) e como afirmação pluralista da experiência (o esquecimento como devir-ativo das cristalizações da subjetividade).

## II. Programa e método

A proposta deste estudo é investigar os problemas concernentes a uma teoria das multiplicidades, muito mais do que introduzir o leitor à filosofia de Deleuze e Guattari. Os autores apresentam essa teoria como um *construtivismo* que ultrapassa os dualismos entre “consciência e inconsciente”, entre “natureza e história”, entre “o corpo e a alma” (DELEUZE; GUATTARI, 2002a, p. 8), trocando-os por um monismo das intensidades. Os capítulos seguem um programa de investigação do sistema conceitual abaixo.

No primeiro capítulo, o problema colocado é a conceituação de multiplicidade. A dialética do Uno e do Múltiplo aparece como uma fonte de ilusões na medida em que propõe noções muito gerais, impróprias para a análise do real em suas particularidades. Deleuze e Guattari partem do dualismo bergsoniano (duração e extensão) para fundar um monismo das intensidades puras. Assim, o conceito de multiplicidade se define como um bloco de devir, um movimento que produz as diferenças de natureza em uma pluralidade de estados intensivos, compondo os chamados *platôs* de imanência.

No segundo capítulo, o conceito de multiplicidade se coloca como problema de composição para uma matéria de expressão. Partindo de uma inspiração leibniziana para definir os territórios existenciais, Deleuze e Guattari propõem o conceito de *ritornelo* para descrever os movimentos de desterritorialização que atuam na modulação das relações entre os platôs de imanência. Esse nomadismo das intensidades caracteriza a heterogênesse das qualidades expressivas da matéria de expressão, que relaciona suas forças em uma multiplicidade com níveis de estratificação e graus de consistência.

No terceiro capítulo, o conceito de devir se coloca como problema da diferença entre o presente e o passado, entre a matéria e a memória. Para Deleuze e Guattari, as sensações se prolongam até um cérebro que contrai as quantidades físicas em qualidades sensíveis, duplicando-as em uma multiplicidade cerebral-temporal. As intensidades que

assim se projetam sobre a superfície do pensamento formam *cristais de tempo*, em que a potência do devir se afirma com a oscilação entre o atual e o virtual.

A pesquisa segue a orientação do bergsonismo revisitado pelos autores, em que o método intuitivo se desenvolve em duas direções: um “procedimento crítico” procura distinguir as diferenças de natureza entre as durações heterogêneas articuladas no real (efetuar um acontecimento para atualizar suas condições); e um “procedimento clínico” procura individuar a natureza da Diferença com a criação de linhas de experimentação (contra-efetuar o acontecimento para cristalizar um virtual). Assim, a crítica e a clínica do pensamento instauram um campo de acontecimentos entre as duplicações do cérebro e as reduplicações da memória, entre o passado conservado pelas dobras no pensamento e o presente encarnado nas redobras da matéria. Mais especificamente:

- *A crítica busca pelo critério de direito* a partir do qual o pensamento poderá ser conceituado como uma multiplicidade real – a crítica se dedica a estabelecer uma análise diferencial entre intensidades puras, um método que atenda ao ideal de precisão para uma análise dos acontecimentos em sua virtualidade ontológica, anterior a qualquer análise psicológica.
- *A clínica orienta-se pelas regras de fato* segundo as quais as intensidades são encarnadas em uma multiplicidade cerebral – a clínica se propõe a analisar os devires que se projetam na superfície psicológica do pensamento, os afetos em que se articulam as linhas de atualização da diferença, para assim potencializar a autonomia dos processos de individuação.

O nosso objetivo será então chegar a um *método de precisão psicológica* para a análise dos movimentos do pensamento, que entendemos aqui como uma “pragmática” das relações entre as intensidades, das taxas de velocidade dos acontecimentos que se diferenciam em uma multiplicidade real.

# 1. MULTIPLICIDADES REAIS

## 1.1. Ciência das multiplicidades

Talvez seja a partir da definição de “multiplicidade” que se encontre a melhor maneira de introduzir a proposta de *Mil Platôs* (2002). Tal conceito ocupa o núcleo de uma crítica que se volta para a dialética do Uno e do múltiplo, e é neste sentido que se pode dizer que Deleuze e Guattari realizam um autêntico combate em defesa de uma “ciência nômade” das multiplicidades reais. Assim, para começar essa investigação é preciso considerar alguns princípios filosóficos que nos levam a conceber o múltiplo como um predicativo do Uno, isto é, como um estado de realidade dependente de uma “dimensão suplementar” (o Ser transcendente) que seria reproduzida na natureza de acordo com relações de analogia.

Na condição de predicado, o múltiplo se apresenta no real como uma espécie de “representação” que reúne seus elementos na totalidade fechada do Uno superior ( $n+1$ ) – um *conjunto numerável* composto de unidades invariáveis e divisíveis ao infinito. Esta seria a fórmula de universalidade da reflexão, a qual Deleuze chama de “imagem do pensamento clássico”: o Uno se reflete no múltiplo, ora dividido em *séries* secundárias, de acordo com “analogias de proporção” ( $a$  assemelha-se a  $b$ ,  $b$  assemelha-se a  $c$ ..., etc., de modo que cada relação remete a uma unidade transcendente em que todos os termos se assemelham); ora duplicado em *estruturas* profundas, de acordo com “analogias de proporcionalidade” ( $a$  está para  $b$  como  $c$  está para  $d$ , etc., de modo cada correlação remete a um modelo homólogo em que todas as diferenças se espelham).

Partindo dessa concepção, a história natural compreende os seres vivos de duas maneiras complementares: ora segundo a soma de suas semelhanças, formando as séries que comportam progressões e regressões; ora segundo o valor de suas diferenças,

formando as estruturas que ordenam as variáveis em função de um modelo formal. Contudo, Deleuze e Guattari advertem que essas duas figuras do múltiplo são inspiradas na *mimesis* de Aristóteles, conceito este que se mostra inconciliável com o darwinismo. “A história natural só pode pensar em termos de relações, entre A e B, e não em termos de produção, de A a x” (DELEUZE; GUATTARI, 2002d, p. 13).

Nesse sentido, as séries e as estruturas exercem a função de determinante para um *modelo hilemórfico*<sup>1</sup>: para uma “ciência régia”, os procedimentos de determinação seguem as regras da lógica formal, que trata da aplicação de uma potência formal ativa sobre uma potência material passiva. Segundo Deleuze e Guattari, esse modelo seria insuficiente para se considerar o múltiplo em si mesmo, independentemente de qualquer relação mimética com o transcendente, ou antes, enquanto uma realidade complexa na qual o Uno não participa senão como subtraído ( $n-1$ ). Nesse caso, o múltiplo não poderá ser apreendido por uma função formal, mas, pelo contrário, passará a valer plenamente como um substantivo: será então nomeado de *multiplicidade* (Id., 2002a, p. 16).

A determinação de uma multiplicidade deve ser feita em função de suas próprias dimensões, que são conectadas em uma superfície ou um plano com relações imanentes: a distribuição das  $n$  dimensões do real em um plano linear produz um *rizoma*, um mapa. “Uma das características mais importantes de um rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas” (Ibid., p. 22). Esse mapa se opõe ao decalque das representações, ele compõe suas conexões em um plano de multiplicidades que aumenta de acordo com o número que define o limite de seus componentes em um dado momento e em tal lugar. Assim, as multiplicidades rizomáticas são sistemas sem centro, pois suas linhas de ação se propagam na imanência, sobre um plano de exterioridade em que tudo se relaciona com tudo, de modo que neles sempre se produz um aumento no número de conexões.

---

<sup>1</sup> *Hilemorfismo*. Doutrina de tradição aristotélica que propõe a complementaridade entre “forma” e “conteúdo” (*hile*). Servia aos escolásticos como princípio de determinação para toda substância real.

Esse potencial de aumento no número de conexões sugere que as multiplicidades rizomáticas são preenchidas por “zonas de variação contínua”, ou seja, as relações entre seus componentes produzem um *continuum*, um puro meio de variação sem início e nem fim. Essas faixas de intensidade contínua compõem *platôs* que funcionam como meios de passagem entre dimensões heterogêneas. Os platôs se comunicam sobre um plano de composição com variações infinitas. “Um platô é um pedaço de imanência”, uma “unidade mais estranha que se diz apenas do múltiplo” (DELEUZE; GUATTARI, 2002c, p. 20) – um *conjunto inumerável* composto de unidades variáveis e indivisíveis.

Podemos então propor uma hipótese inicial: o Número é um fator privilegiado para a conceituação de uma ciência das multiplicidades reais, pois ele nos permite expor o tratamento exaustivo ao qual Deleuze e Guattari submetem toda sorte de dualismos.

- Por um lado, *uma multiplicidade se define pelo número de suas dimensões* – o número corresponde ao “limite do conjunto finito que os seus componentes preenchem efetivamente” (Id., 2002a, p. 17).

Por exemplo, uma multiplicidade poderá ser considerada como um conjunto finito sempre que uma operação geométrica de espacialização seja capaz de definir o limite de suas dimensões em função de uma extensão homogênea, de uma dimensão suplementar que traça esse limite dentro de um espaço fechado em si mesmo como Uno. Esse seria o *número numerado* que, segundo Deleuze e Guattari, “sempre serviu para dominar a matéria, controlar suas variações e seus movimentos” (Id., 2002e, p. 64), ou seja, operar investimentos de uma potência métrica idealmente divisível e formalmente coextensiva sobre toda a matéria. Essa potência de sobredeterminação numérica deriva da correlação entre a álgebra e a geometria (Ibid., p.194) que permite a uma grandeza numérica delimitar o espaço em função de uma unidade de medida ordinária, constante e homogênea (*metron*).



- Por outro lado, *uma multiplicidade não muda o número de suas dimensões sem mudar também de natureza* – uma multiplicidade “só se divide relativamente” (DELEUZE; GUATTARI, 2002a, p. 44), dentro de um limiar aquém ou além do qual o número de seus componentes pode variar ao infinito.

Por exemplo, uma multiplicidade pode ser considerada como uma articulação complexa entre heterogêneos que o número distribui em função de unidades cardinais, como “homem-cavalo-arco” ( $1 \times 1 \times 1 = 1$ ), ou “biga de dois cavalos e dois homens” ( $2 \times 1 \times 2 = 1$ ), manifestando uma corporeidade qualquer que conjuga um número volátil de dimensões variáveis (Id., 2002e, p. 67). Nesse caso, o número tem a função de distribuir uma potência de composição que age como um ritmo imanente à própria multiplicidade que ele define. Esse *número numerante* agencia uma quantidade variável de conexões entre os componentes e distribui dinamismos em um espaço-tempo livre, onde o limite corpóreo é “essencialmente vago”, sem deixar de ser rigorosamente real. Para Deleuze e Guattari, tal escrita aritmética, matemático-musical, é capaz de agir “diretamente colada no real, assim como o real escreve materialmente” (Id., 2002b, p. 100); sem ser tomado sob a referência de uma unidade homogênea, o número funciona como um acumulador para a matéria heterogênea. Essa operação determina a natureza de um material especial composto pela conexão entre infinidades maiores ou menores de dimensões do real, das quais o número apreende simplesmente uma cifra (*nomos*).

Mas seria preciso invocar algo como um “dualismo de modelos numéricos”, um *metron* algébrico-geométrico e um *nomos* aritmético-musical, para assim tratarmos da conceituação das multiplicidades reais? Antes, seria mais interessante propor uma distinção entre dois procedimentos diferentes de espacialização.

Logo de início, teríamos que delimitar o campo para uma “geometria sedentária” que compreende tudo o que se passa a partir de uma operação de sobredeterminação:

esse procedimento organiza um espaço de *multiplicidades estriadas*, ele erige “sistemas hierárquicos que comportam centros de significância e subjetivação, autômatos centrais como memórias organizadas” (DELEUZE; GUATTARI, 2002a, p. 26). Nesse sentido, todas as dimensões dadas na experiência são interpretadas em paralelo com uma dimensão suplementar: por definição, os *teoremata* da ciência régia devem ser sempre inferidos na experiência, segundo um “modelo arborescente”.

Mas para todas as eventuais fugas e rupturas a esse modelo restaria um campo essencialmente problemático, repleto de acidentes e de singularidades: os *problemata* constituem o campo para uma cartografia ambulante, uma ciência nômade que não pára de conectar todas as dimensões que são efetivamente dadas na experiência, segundo um “modelo rizomático”. Esse procedimento distribui um espaço de *multiplicidades lisas*, ele traça um mapa que comporta linhas de fluxo, passagens e conexões entre dimensões heterogêneas. Assim, os fluxos da matéria e as singularidades que os constituem são objeto para um delineamento intuitivo, para um mapeamento que recorta os limites de uma corporeidade vaga e isenta de qualquer paralelismo com a dimensão transcendente. Segundo Deleuze e Guattari, essa escrita imanente deve ser dita “literal” porque sempre está ancorada diretamente na experimentação real.

Contudo, não deveremos nos contentar com a fundamentação desses modelos de espacialização como dois tipos de multiplicidade, pois isto nos levaria simplesmente a trocar um dualismo clássico por outro, sem alcançar avanço teórico mais significativo. Na verdade, parece-nos que o desafio maior de uma *teoria das multiplicidades* deve ser a conceituação de um Processo que ultrapassa todos os modelos. A seguir, veremos que Deleuze e Guattari encaminham essa proposta a partir de uma afirmação “pluralista” da experiência, que deve ser entendida como o correlato de uma estética fundamentalmente “monista” do real.

## 1.2. Estética das multiplicidades

Chegar à fórmula mágica que buscamos todos: PLURALISMO = MONISMO, passando por todos os dualismos que constituem o inimigo necessário, o móvel que não paramos de deslocar (DELEUZE; GUATTARI, 2002a, p. 32).

Nosso ponto de partida agora é o bergsonismo, pois Deleuze e Guattari remetem nossa investigação ao dualismo clássico entre dois tipos de multiplicidade: o “espaço” e a “duração”. Segundo Bergson, o espaço se define como uma multiplicidade extensa, quantitativa, homogênea e descontínua: *o espaço divide-se segundo diferenças de grau*; já a duração se define como uma multiplicidade temporal, qualitativa, heterogênea e contínua: *a duração divide-se segundo diferenças de natureza* (2002e, p.191-2).

Bergson propunha essa conceituação em correspondência aos dois tratamentos diferentes que o pensamento dedica à matéria: ora esta é apreendida qualitativamente, em um *continuum* temporal que conecta os fluxos heterogêneos valendo-se da intuição como meio de conhecimento sensível (a duração se mostra como o próprio problema da conexão entre as singularidades nos espaços lisos e das itinerâncias da ciência nômade); ora, ao contrário, ela é desenvolvida segundo uma grandeza métrica que se vale de uma medida homogênea como meio de conhecimento intelectual (a ciência régia realiza o que a ciência nômade jamais seria capaz, ou seja, medir as singularidades em função da forma, organizar um espaço co-extensivo à matéria e desenvolvê-la paralelamente aos esquemas conceituais).

A partir dessa apropriação das multiplicidades bergsonianas, Deleuze e Guattari propõem uma questão teórica decisiva: na verdade, as multiplicidades reais devem ser situadas precisamente *no meio* desses dois tratamentos, ora “como modelo e como decalque transcendentais, mesmo que engendre suas próprias fugas” (Id., 2002a, p. 31), decalque aplicado sobre as variáveis da matéria com a função de estriar, homogeneizar essas singularidades através de uma função formal (segundo o modelo arborescente);

ora, pelo contrário, “como processo imanente que reverte o modelo e esboça um mapa, ainda que constitua suas próprias hierarquias” (Ibid., p. 31): processo transversal que passa entre materiais heterogêneos com a função de alisar, de conectar as singularidades através de um platô de intensidade contínua (segundo o modelo rizomático).

Surge então a necessidade teórica de se tratar esses dois tipos de multiplicidade (o arborescente e o rizomático) como coexistentes e sucessivos em um mesmo Processo, de modo que um tratamento sempre acaba interagindo com o outro: “As árvores têm linhas rizomáticas, mas o rizoma tem pontos de arborescência” (Ibid., p. 48); ou seja, nas multiplicidades reais há momentos em que o espaço liso conjura o espaço estriado, ora o antecipa, ou então inversamente, ora o espaço estriado conjura o espaço liso, ora o antecipa, de modo que as duas potências estão sempre em coexistência e em sucessão sobre um mesmo plano de imanência processual.

Para nos orientarmos nesse campo problemático será sempre preciso considerar que as multiplicidades estriadas ou arborescentes só existem em função de uma outra coisa, ou seja, elas sempre se colocam em pressuposição com uma dimensão “oculta”, transcendente, que deverá então ser decalcada sobre aquilo que é dado na experiência. Assim, o desenvolvimento formal de suas dimensões tende sempre a correr em paralelo com a maior complexidade da matéria: as ramificações constituem um número cada vez mais abrangente de dimensões que se fixa ao redor de um entroncamento central, do Modelo formal que serve de estrutura genética para um sistema idealmente fechado. Esse tipo de multiplicidade poderá ser chamado de pseudo-multiplicidade, pois sempre se adaptará dentro de uma explicação categorial. Deleuze e Guattari (2002a, p. 46) chamam essas “macromultiplicidades” de *estratos*, pois definem “conjuntos molares”, independentemente da quantidade de seus componentes e de suas dimensões. O sistema estratificado constitui um plano de transcendência capaz de efetuar todas as operações

de organização formal e de desenvolvimento substancial das qualidades variáveis da matéria de expressão.

Já as multiplicidades lisas ou rizomáticas não mudam o número de dimensões sem mudar de natureza, sem disparar um processo criador que passa transversalmente entre todas as dimensões da experiência: esses devires aumentam as conexões entre os fluxos da matéria. Um devir-intenso toma consistência em um plano com dimensões crescentes ou decrescentes, de acordo com o *continuum* de intensidades que ele conecta (um devir é uma mudança de estado no fluxo de intensidades, no *continuum* intensivo). As multiplicidades lisas se distribuem em platôs de intensidade contínua, suas conexões são linhas abstratas que estão sempre mudando de direção, e a natureza de suas relações é sempre singular. De qualquer maneira, tal potência de variação infinita no número de dimensões em um rizoma sempre tenderá a caotizar todo tipo de explicação categorial. Assim, é preciso cartografar os fluxos intensivos de matéria, ou seja, projetar cada platô de intensidade sobre um mapa puramente direcional.

Uma multiplicidade lisa se define pela conectividade entre heterogêneos,

[...] qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a outro e deve sê-lo. Um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais (DELEUZE; GUATTARI, 2002a, p. 15).

O aumento no número de conexões em um rizoma compõe uma “multiplicidade vaga, consistente em si mesma” (Id., 2002e, p. 220). Em um sistema do tipo rizoma haverá apenas “micromultiplicidades”, pois definem “conjuntos moleculares” de dimensões heterogêneas relacionadas por distâncias intensivas. Estas poderiam de direito então ser nomeadas como multiplicidades, *porque suas conexões produzem a realidade do devir*: os fluxos da matéria podem ser considerados como blocos de relações entre os componentes moleculares distribuídos em um plano de composição, entre fragmentos ou peças de uma totalidade ela mesma fragmentária.

Nesse sentido, nada impede que um crescimento da complexidade molar resulte em uma alternância no processo, assim como nada garante que os fluxos moleculares não irromperão dentro de um modelo arborescente resultando na criação de um rizoma. A oposição entre o *molar* e o *molecular* não deve ser entendida como lógica ou dialética (e tampouco como uma graduação escalar), mas sim como “turbilhonar”, isto é, como uma diferença entre movimentos expressivos situados em um único e mesmo campo de interação essencialmente problemático. Esse campo não pára de ser estratificado pelo sistema molar da ciência régia, ao mesmo tempo em que não pára de ser desestratificado pelo sistema molecular da ciência nômade.

As linhas molares traçam uma multiplicidade numerável submetida ao Uno dimensão suplementar, formando um sistema arborescente, binário, circular e segmentário. As linhas moleculares traçam uma multiplicidade vaga consistente em si mesma, que não tem dimensões suplementares (DELEUZE; GUATTARI, 2002e p. 220).

A distinção entre os sistemas molar e molecular se refere aos limites funcionais para um “meio fronteiro de agenciamento” entre as diferentes dimensões da realidade: cada passagem ao limite entre o molar e o molecular deve engendrar uma nova distinção entre as peças que constituem um agenciamento. Segundo a conceituação proposta em *Mil Platôs*, o monismo das multiplicidades reais deve ser situado a partir dessa perpétua interação entre o molar e o molecular em um só “campo ontológico” (Ibid., p. 34).

O problema não é mais aquele do Uno e do Múltiplo, mas o da multiplicidade de fusão [...] que constitui como tal a unidade ontológica da substância (Id., 2002c, p. 14).

O molar é a gravidade do modelo dialético, em que o Uno captura o múltiplo, mas o molecular é a velocidade do turbilhão, que ignora toda dialética e instaura uma realidade de corpos-fluxo, uma multiplicidade heterogênea e “essencialmente vaga” (Id., 2002a, p. 46). Essa distinção caracteriza a pluralidade de dimensões da experiência sob uma perspectiva ontológica, em que as multiplicidades reais servem de expressão imanente para um único plano de Natureza ou de univocidade.

Foi Husserl quem primeiro definiu tais “essências morfológicas *vagas*, isto é, vagabundas ou nômades” (DELEUZE; GUATTARI, 2002e, p. 33), que não seriam nem “inexatas” como as formas sensíveis (a percepção de uma bola), nem “exatas” como as essências ideais (a forma de uma esfera), mas “anexatas” e rigorosas (a curvatura de um redondo). Encontramos em toda ciência nômade esse tratamento a-lógico e imprevisível dos fluxos moleculares: Deleuze e Guattari lembram que, no atomismo antigo, por exemplo, “a declinação do átomo proporciona um modelo de passagem ou de devir pelo heterogêneo” (Ibid., p. 25) que se opõe ao estável, ao eterno, ao idêntico, ao constante.

O *clinamen*, como ângulo mínimo, só tem sentido entre uma reta e uma curva, a curva e sua tangente, e constitui a curvatura principal do movimento do átomo. O *clinâmen* é o ângulo mínimo pelo qual o átomo se afasta da reta (Ibid., p. 25).

A projeção dos átomos sobre o plano inclinado produz movimentos espiralados que organizam e desenvolvem os grandes turbilhões; – assim, cada passagem ao limite entre o molecular e o molar é sempre vaga, turbilhonar, pois depende de um movimento espiralado, de uma “arborificação das multiplicidades” (Ibid., p. 221). Esse movimento é capaz de impor um centro de gravidade, uma segmentaridade cada vez mais rígida sobre os fluxos moleculares, enquanto estes, por sua vez, tendem a ganhar velocidade e extrair dos segmentos uma fluidez cada vez mais indefinida de partículas oscilantes e corpos essencialmente vagos (fluxos de *quanta*).

Trata-se, mais propriamente, de uma revolução spinozista na ontologia clássica. Deleuze e Guattari analisam a estética das multiplicidades a partir de uma “disjunção” (quer dizer, independência e heterogeneidade) entre um *conteúdo* molecular e uma *expressão* molar; haverá sempre uma distinção real entre esses termos, embora ambos estejam necessariamente em “pressuposição recíproca” (Id., 2002a, p. 75). Os estratos são as essências formais e substanciais articuladas nessa disjunção entre expressão e conteúdo, de maneira que cada estrato tomando em si mesmo é duplamente articulado:

trata-se de uma *dupla articulação* entre suas “formas e substâncias de expressão” e suas “formas e substâncias de conteúdo” (Ibid., p. 58). Os estratos entre si não se distinguem realmente, mas apenas formalmente, pois uma única Matéria intensiva é capturada por todas as formas e substâncias, enquanto que cada estrato em si mesmo é sempre duplo, uma vez que cada uma de suas articulações ou “pinças” se distingue realmente (entre ambas haverá tão-somente um efeito de isomorfismo).

A “estratoanálise” de Deleuze e Guattari é um paradigma estético-processual para a análise dos agenciamentos que produzem a realidade, das correlações entre os duplos formais e substanciais nos estratos, mas sem se deixar reduzir em uma estrutura. Contrariando o hilemorfismo (função-forma), a articulação entre o molar e o molecular passa por diversos “estados intermediários” em que a distinção real entre a expressão e o conteúdo é amplamente variável segundo os modos da síntese disjuntiva (Ibid., p. 59). Com efeito, o sistema molecular envolve não apenas um conteúdo ou um conjunto de partículas, mas também “traços de conteúdo” singulares que são *tensores* da matéria. Em todo caso, o conteúdo está sempre em pressuposição recíproca com a expressão, que por sua vez envolve não só um regime de signos, mas também “traços de expressão” singulares que são *graus de intensidade* afetiva.

A reciprocidade entre a expressão e o conteúdo se instala no entrelaçamento das formas e substâncias heterogêneas em um estrato, mas ela efetua a cada vez um modo diferente de disjunção, de passagem ao limite entre os traços de expressão e conteúdo. Com efeito, a dupla articulação suporta um *continuum* de variação que prolonga os modos dessa co-adaptação até uma zona de indiscernibilidade molecular em que se dá uma pura emissão de “signos-partículas” (*osciladores*). Com efeito, é preciso considerar como a expressão muda de natureza segundo a sua síntese disjuntiva com o conteúdo, em cada agenciamento individuado. É preciso estabelecer para cada estrato considerado



a distinção real entre seus componentes quanto à natureza de suas formas e substâncias, seu modo de articulação e reciprocidade. Assim, os autores propõem uma caracterização para os três principais modos de estratificação considerados:

- *Estratos físico-químicos*: a distinção real entre as dimensões se resume às suas formas imanentes, pois a expressão remete diretamente a um fenômeno de “indução” entre conjuntos de substâncias molares e moleculares (Ibid., p. 73);
- *Estratos orgânicos*: a distinção passa a ser plenamente real, pois um fenômeno unidimensional se destaca dos estratos físico-químicos e nele a expressão remete à “transdução” linear de códigos moleculares (genética) (Ibid., p. 75);
- *Estratos aloplásticos ou semióticos*: a distinção real é essencial, e a expressão, que nos estratos orgânicos já era autônoma com relação ao conteúdo, ganha uma potência sobrelinear que remete a um fenômeno de “tradução” entre formas e substâncias independentes e heterogêneas (linguagem) (Ibid., p. 79).

Esse sistema estratificado corresponde a um plano estrutural de “organização formal” e de “desenvolvimento substancial”, um plano de transcendência responsável pela estriagem da matéria. Esse plano é arborescente, uma vez que nele são sempre as formas expressivas que se impõem à matéria, ao mesmo tempo em que os conteúdos substanciais são preparados em função da forma, de acordo com correlações biunívocas cada vez mais complexas entre expressão e conteúdo entrelaçados. Segundo Deleuze e Guattari, tal plano corresponde ao “modelo platônico de tecelagem” que serve como ideal de funcionamento para a ciência régia, com seu modo próprio de organizar o corpo social através da *techne*: a potência expressiva, reduzida à sua forma molar, é mais facilmente apropriada por leis constantes e equações que trabalham sobre o conteúdo, sendo que este é reduzido à categoria de objeto. Conseqüentemente, esse plano impõe a força do verbo “ser”, e assim efetua os processos de determinação para as formas e

substâncias, para os órgãos e funções, dentro do sistema estratificado com redundâncias significantes e subjetivas.

Mas o plano de organização e desenvolvimento não pára de ser tensionado pelo movimento turbilhonar de seus *traços* (semióticos e pragmáticos), pelas diferenças de velocidade entre os vetores que atravessam as formas e as substâncias de um estrato. Assim, os traços integram um regime de forças que suporta virtualmente uma série de micro-relações desviantes no interior do sistema estratificado. Esses desvios projetam devires moleculares, relações imanentes em um espaço-tempo livre composto por distâncias, vizinhanças ou zonas de indiscernibilidade entre a expressão e o conteúdo.

Os traços correspondem à potência não-formal de um material qualquer (que não pára de emitir singularidades ao acaso) em produzir um *continuum* de variação, em projetar uma aceleração infinita no movimento dos fluxos materiais para assim liberar forças que operam como funções não-formais (função-matéria). O que se efetua então nesses movimentos é um outro tipo de redundância, caracterizada como assignificante e assubjetiva, um *continuum* intensivo que melhor se exprime pela força da conjunção “e”, instalada nos interstícios dos processos de determinação.

Em resumo: a crítica da lógica transcendente do Ser, do “é”, nos leva a uma lógica imanente do “e... e... e...”, na qual as conexões ganham consistência através de um *continuum* intensivo que se prolonga até atingir uma zona de indiscernibilidade molecular, um meio de passagem entre as dimensões efetivamente dadas na experiência. A seguir, analisaremos os modos em que tais movimentos se produzem, inscrevendo-se em um plano de composição que ignora as formas e as substâncias, os órgãos e as funções do sistema estratificado. Esse plano será chamado de “plano de consistência” ou corpo sem órgãos (CsO): nele não haverá nada além de taxas de velocidade e graus de intensidade, acontecimentos impessoais e singularidades em devir.

### 1.3. Etologia dos afetos

Os conjuntos molares de um sistema estratificado se organizam em camadas sedimentares sobrepostas que constituem o corpo da Terra. “Cada estrato [...] apresenta formas e substâncias, códigos e meios não realmente distintos” (DELEUZE; GUATTARI, 2002e, p. 216). São formações históricas que articulam os componentes concretos (códigos e meios) em um *double bind*, em uma dupla captura que dá visibilidade para o conteúdo de um lado e articula este com a expressão enunciável do outro, duplicando a matéria em uma realidade heterogênea. “Constitutiva de um estrato, a articulação é sempre uma dupla articulação” (Ibid., p. 217) entre um conteúdo e uma expressão realmente distintos, mas sempre em pressuposição recíproca. Contudo, os estratos jamais esgotam toda a Matéria: os *metaestratos* não têm “nem forma nem substância, organização ou desenvolvimento, conteúdo ou expressão” (Ibid.). Fora dos estratos a matéria desarticulada tende à desestratificação, isto é, ao Caos.

O movimento de estratificação “opera as co-adaptações de conteúdo e expressão num estrato, assegura as correlações biunívocas entre segmentos de ambos” (Id., 2002a, p. 88), e assim produz o que Deleuze e Guattari chamam de *agenciamento maquínico*, isto é, a efetuação de uma “máquina abstrata”. Esse movimento se realiza em dois sentidos diferentes: quando está envolvido com os estratos, o agenciamento garante para cada um a sua própria unidade de composição (Ecúmeno); mas o agenciamento também está em contato com um metaestrato, em que se produz a desestratificação da matéria (Planômeno). Por esse lado, o agenciamento maquínico opera de tal maneira que apenas “*constrói contínuos de intensidade*: cria uma continuidade para intensidades que extrai de formas e substâncias distintas” (Ibid.).

O *plano de consistência* é o plano em que se realizam esses movimentos laterais de desestratificação. Para Deleuze e Guattari (2002d, p. 55), o plano de Natureza pode

ser chamado igualmente por plano de “não-consistência”, de inconsistência ou Caos, plano fixo em que tudo se movimenta: ele se define como um limite, um grau Zero de intensidades. O plano de consistência não seria nada se não comunicasse com o plano de organização e de desenvolvimento, se dele não conservasse um “grau mínimo” de formas e substâncias estratificadas. No plano de consistência não há diferença entre tipos de multiplicidade, mas apenas um único agenciamento maquínico transversal a todos os meios, e que opera por conexão entre “uma multiplicidade de multiplicidades”. Esse plano processa um inter-relacionamento infinito entre as partes, conectando-as em uma totalidade infinita que suporta tanto os segmentos estratificados de um sistema arborescente quanto os fluxos materiais de um sistema rizomático.

Com essa proposta, Deleuze e Guattari logram introduzir na história natural uma idéia de produção capaz de compreender a evolução transversalmente, isto é, como um processo que relaciona os diferentes seres vivos em uma multiplicidade heterogênea. Nesse sentido, os autores propõem uma concepção “involutiva” da Natureza, em que a análise proporcional entre as relações analógicas das séries e das estruturas é substituída pela análise literal das relações imanentes que compõem um *bloco de devir*:

O devir é criativo, a involução é criadora. Regredir é ir em direção ao menos diferenciado. Mas involuir é formar um bloco que corre seguindo sua própria linha, ‘entre’ os termos postos em jogo, e sob as relações assinaláveis (DELEUZE; GUATTARI, 2002d, p. 19).

Os blocos de devir são alianças que colocam em relação seres dos mais diversos reinos, e assim criam um povoamento composto unicamente por intensidades afetivas. Os blocos de devir são “participações anti-natureza”, isto é, relações simbióticas entre seres participados e participantes de natureza heterogênea, entre intercessores capazes de participar ativamente na criação de um afeto imanente.

Os afetos são devires, são processos que constituem um bloco de relações entre as intensidades na imanência. Segundo Deleuze e Guattari, um tal bloco de devir deve

ser considerado como o real em si mesmo, pois os afetos por ele criados envolvem uma pluralidade de conexões entre as dimensões efetivamente dadas na experiência, sem depender de qualquer participante transcendente. O devir ignora tudo o que não é dado, aquilo que só pode ser inferido por analogia (p.ex.: os jogos metafóricos e metonímicos) e por outros efeitos metafísicos. “O devir não produz senão ele próprio. [...] O real é o bloco de devir, e não os termos supostamente fixos pelos quais passaria aquele que se torna” (DELEUZE; GUATTARI, 2002d, p. 18). A imanência dos afetos que compõem um bloco de devir exprime na sua literalidade as dimensões do real:

O devir deve ser qualificado como devir-animal sem ter um termo que seria o animal que se tornou. [...] É o princípio de uma realidade própria ao devir (Ibid.).

Em suma, esses blocos de afetos são produzidos *entre* os seres, na passagem entre as intensidades puras, e assim não se confundem com nenhum dos termos que são tomados em uma relação. É que no plano de consistência não há formas nem sujeitos, órgãos ou funções, mas apenas modos de individuação singulares produzidos por graus de intensidade afetiva. “A consistência reúne conjuntos vagos heterogêneos, procedendo por consolidação do meio, sem início nem fim” (Id., 2002e, p. 222). Essas *hecceidades* se definem em termos de “latitudes” e de “longitudes”, isto é, de graus de intensidade e de modos de afecção: essas ordenadas permitem um mapeamento das relações entre os diversos componentes intensivos e extensivos de um Corpo sem Órgãos (CsO).

Chama-se *longitude* de um corpo os conjuntos de partículas que lhe pertencem sob esta ou aquela relação, sendo tais conjuntos eles próprios partes uns dos outros segundo a composição da relação que define o agenciamento individuado desse corpo. [...] Chama-se *latitude* de um corpo os afetos de que ele é capaz segundo tal grau de potência, ou melhor, segundo os limites desse grau. *A latitude é feita de partes intensivas sob uma capacidade, como a longitude, de partes extensivas sob uma relação* (Id., 2002d, p. 42).

Retomando a Ética de Spinoza, Deleuze e Guattari propõem uma *etologia dos afetos* que se coloca a caminho a partir da famosa pergunta: “*O que pode um corpo?*”

Um corpo se define pela lista de seus afetos, ou seja, pelos devires que ele é capaz de experimentar. Os autores definem esse estudo como uma etologia em que se procura determinar quais as ações e as paixões que um corpo é capaz, dentro do agenciamento individual do qual faz parte. Os devires são os afetos em movimento, não representam nada e não há pulsões que não sejam os próprios agenciamentos individuados.

Segundo Martin, a idéia de Deleuze e Guattari é “fazer uma etologia diferencial dos afetos e das relações que se compõem sobre o plano de consistência”, isto é, traçar as linhas de uma “geografia dos CsO em suas latitudes e longitudes” (MARTIN, 1993, p.52-53), e assim resgatar a estética das sensações sob a perspectiva dos agenciamentos maquínicos de expressão. Essa etologia deve definir os *acontecimentos* que recortam as relações entre os corpos em um plano de consistência, os encontros e desencontros dos afetos reunidos em uma multiplicidade real em fase de individuação. A idéia de traçar uma geografia dos CsO nos permite conceber os afetos como vetores em movimento que se diferenciam por taxas de velocidade e lentidão, pela potência intensiva dos devires que compõem um corpo individuado.

Assim, o plano de consistência ou de composição é povoado por intensidades que mudam de natureza na medida em que as máquinas abstratas traçam o *continuum*, isto é, o meio de seu agenciamento. “O meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade” (DELEUZE; GUATTARI, 2002a, p. 31). Nesse movimento, a máquina abstrata constrói *linhas de fuga* ou de variação contínua, linhas de desestratificação que passam entre as formas e substâncias do sistema estratificado.

As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras. O plano de consistência é o fora de todas as multiplicidades (Ibid., p. 17).

O limite das dimensões de uma multiplicidade é marcado pela exterioridade de sua linha de fuga, pelo movimento em velocidade infinita que sintetiza as articulações

de um agenciamento e que muda de natureza a cada vez. Com efeito, uma linha de fuga recorta “a realidade de um número de dimensões finitas que a multiplicidade preenche efetivamente” (Ibid.), e assim ela registra a efetuação de uma máquina abstrata voltada para o plano de consistência (Planômeno). A análise dessa linha é fundamental, pois ela é capaz de liberar um movimento transversal em velocidade infinita que abre a passagem para o agenciamento de um “território existencial”.

O problema das velocidades de agenciamento será então o mesmo problema de consistência para um território existencial: para Deleuze e Guattari, *é sempre necessário observar certa prudência ao se realizar um movimento de desterritorialização*, de modo que o agenciamento não sofra uma queda brutal na inconsistência, ou que a potência do movimento não precipite o agenciamento em uma catástrofe, isto é, que as velocidades não se tornem perigosamente “loucas”. O problema todo se coloca a partir da questão: *como tornar-se senhor sobre as velocidades que constituem um território existencial?* Haverá necessariamente uma Ética implicada nas funções das máquinas abstratas, uma vez que as linhas de fuga devem ser liberadas dos estratos para crescer em potência, devem ser conectadas ao plano de consistência e conjugadas com as outras linhas para traçar novos rizomas no campo social (sobre as máquinas abstratas, ver p. 34 e p. 43).

Segundo Deleuze e Guattari, as máquinas abstratas devem funcionar de acordo com regras concretas, isto é, segundo uma prudência prática de agenciamento que, ao mesmo tempo em que libera os movimentos intensivos no plano de consistência, deve cuidar para que os movimentos de desterritorialização não destruam os territórios existenciais pura e simplesmente. Haverá para cada tipo de linha de agenciamento territorial um perigo próprio e imanente que deverá ser analisado com cuidado e com critério, tendo em vista o tipo de desterritorialização que nele se efetua (p.ex.: devemos estar atentos para a captura desses movimentos infinitos por um “buraco negro”, isto é,

um movimento de reterritorialização que impede ou bloqueia o movimento do devir). Segundo Deleuze e Guattari (2002c, p. 35), “o importante é que esses critérios não venham depois, mas que se exerçam quando necessário, no momento certo, e que sejam suficientes para nos guiar por entre os perigos”.

Esse é o momento em que o termo Esquizoanálise pode ser situado em relação à ética filosófico-científica. “A esquizoanálise não tem outro objeto prático: qual é o seu Corpo sem Órgãos?” (Ibid., p. 77); por quais CsO as intensidades se comunicam, quais são os agenciamentos de desejo que atravessam transversalmente os grupos e os indivíduos em um dado momento? A esquizoanálise é a análise das multiplicidades que nos compõem, seja para compor um CsO com as forças que revelam maior grau de vitalidade, seja, pelo contrário, para decompor as significâncias e as subjetivações que mais duramente nos estratificam (Ibid., p. 29). É uma perspectiva “clínica” que trata do modo como somos organizados, subjetivados, e em razão disso quais as diferenciações que podemos dispor para desterritorializar, transmutar valores, criar novas referências e traçar linhas de fuga sobre o corpo social. O Acontecimento assume aqui uma função decisiva, na medida em que passa a funcionar como uma força catalisadora para o movimento do devir: a exterioridade do acontecimento coloca em jogo uma potência capaz de dobrar o Ser em matéria para o pensamento (como em Spinoza, o Pensamento é a expressão múltipla da “univocidade do Ser”).

Em relação às práticas de conhecimento, a esquizoanálise pretende colocar em evidência os agenciamentos coletivos que definem a maneira como o desenvolvimento técnico-científico interage com os outros agenciamentos, conectando-se politicamente ao conjunto da vida social. A transversalidade entre as multiplicidades enunciativas do conhecimento não visa de modo algum reclamar para a esquizoanálise um título de ciência, mas sim promover um paradigma ético-estético para lidar com as práticas



sociais de cuidado da vida, com as forças que influenciam a qualidade dos territórios, do meio ambiente, das sociedades e dos ecossistemas que habitam o planeta. Essa etologia se encontra diretamente investida no corpo social, tendo como objetivo potencializar a “micropolítica” dos movimentos moleculares, os processos de individuação dos grupos minoritários de uma sociedade.

A esquizoanálise é uma etologia dos afetos que investiga as condições em que um território existencial ganha consistência, isto é, o modo como um número qualquer de dimensões heterogêneas se “mantêm juntas”: que multiplicidades o compõem, quais as peças selecionadas e quais são excluídas pela máquina abstrata que o traça.

O plano é como uma fileira de portas. E as regras concretas de construção do plano só valem quando exercem um papel seletivo. [...] Só tem consistência aquilo que aumenta o número de conexões a cada nível da divisão ou da composição (o que não se divide sem mudar de natureza, o que não se compõe sem mudar de critério de comparação...), tanto na ordem decrescente como na crescente (DELEUZE; GUATTARI, 2002e, p. 223).

Em resumo: o número de linhas de um rizoma define o critério de seleção para as relações que entram ou não em um agenciamento maquínico. O número numerante, o limite da multiplicidade é o operador da passagem entre as  $n$  articulações da realidade. Assim, seja na ordem crescente ou decrescente, haverá sempre um aumento no número de conexões em *uma* multiplicidade real. A *consistência* é o próprio critério do plano, o princípio que define a efetuação das regras concretas de um agenciamento: é a fórmula de composição do CsO e para o enfileiramento de seus platôs de intensidade contínua. Seguir as mutações de natureza em uma multiplicidade, ou seja, dar continuidade ao movimento do devir é o que podemos entender como uma “arte de experimentação existencial” por excelência. Isto significa que há uma fórmula mínima, um princípio de prudência a ser sempre observado quando se faz um movimento de desterritorialização: o aumento no número de conexões em uma multiplicidade real. Esse deve ser o Critério fundamental para uma ética da imanência pura.

## 2. DESTERRITORIALIZAÇÃO

### 2.1. Territórios existenciais

Os blocos de devir mudam de natureza de acordo com o aumento no número de dimensões que neles se “mantêm juntos” – de início, esse é o critério que Deleuze e Guattari (2002d, p. 36) propõem para a composição das multiplicidades reais no plano de consistência. Mas talvez não seja suficiente substituir a dialética do Uno e do múltiplo por uma regra numérica de composição: sobretudo, é preciso que o número funcione como um “ritmo”, isto é, como uma fluidez de movimento capaz de agir na composição-decomposição das articulações do real. Assim, o problema da consistência de um território existencial se coloca como o problema das relações de convergência e divergência entre as séries de acontecimentos que recortam as  $n$  dimensões da realidade.

A análise dos acontecimentos parte do princípio que, de direito, uma “mônada” (Leibniz) deve ser tratada como *nômade*: a Mônada constitui a idealidade do espaço estriado, em que as dimensões polívocas se fecham em uma perspectiva unificada ou um “absoluto englobante” (Id., 2002e, p. 54); já o nômade constitui a realidade do espaço liso, em que as dimensões se expressam em uma polivocidade infinita, em uma perspectiva plural ou um “absoluto local” (Ibid.). Isto nos leva a adotar como regra não a possibilidade de um observador total e ideal, mas a realidade de um observador parcial e empírico, uma *força* capaz de se integrar na passagem entre as diferentes dimensões e compor uma multiplicidade heterogênea (Ibid., p. 204).

Em vez de uma monadologia, Deleuze e Guattari propõem uma “nomadologia”, isto é, uma ética do acontecimento como matéria de expressão. Os acontecimentos são *efeitos de sentido* que se efetuam sobre uma multiplicidade de relações entre os corpos. Realmente distinto do agenciamento dos corpos e meios (conteúdo), o acontecimento é

o atributo (expressão) capaz de individuar essas relações: tal como na filosofia estóica, para Deleuze e Guattari o acontecimento é um “extra-Ser” ou um incorporal, isto é, nas condições de fato ele não existe, *mas simplesmente insiste*. Um corpo sempre existe em um misto de corpos, mas as relações que se realizam entre eles são recortadas pelos acontecimentos que os localizam em função de “pontos de vista” singulares. A matéria de expressão se caracteriza pelo excesso (e jamais pela falta) de sentido no real, pela virtualidade inesgotável de relações em uma multiplicidade: o Acontecimento é capaz de engendrar um construtivismo infinito, uma vez que cada agenciamento só pode ser individuado em função das singularidades sensíveis que ele integra e diferencia, isto é, das relações de imanência entre os afetos dos corpos e os acontecimentos incorporais.

Os acontecimentos não se fecham em uma série convergente formando um bloco ideal, tal como as séries compossíveis integram a totalidade da Mônada; pelo contrário, o agenciamento semiótico e pragmático de uma multiplicidade está sempre aberto em um movimento nômade de interação com outras forças, com singularidades sensíveis que modulam a relação entre os afetos e os acontecimentos. Assim, os nômades não “existem”, como as mônadas existem em função dos pontos de vista de cada sujeito individuado: o nômade “insiste” através de linhas transmonádicas que relacionam os pontos de vista em uma transversal móvel com  $n$  dimensões. Para Deleuze e Guattari (2002d, p. 39), “cada indivíduo é uma multiplicidade infinita, e a Natureza inteira uma multiplicidade de multiplicidades perfeitamente individuada”. Cada individuação é um recorte no plano de Natureza ou de univocidade onde um só Animal abstrato reúne os agenciamentos em uma infinidade de modulações, em uma imensa Máquina abstrata com uma infinidade de funções e de relações entre os corpos. O Acontecimento é a pura exterioridade da matéria de expressão, das séries divergentes que comportam mundos impossíveis recortados em uma pluralidade de modos ou “maneiras de ser”.

A proposta clínica da esquizoanálise é tratar dos modos de diferenciação entre os acontecimentos segundo critérios capazes de distinguir os “moduladores” que recortam os afetos no plano de consistência. A análise pergunta pelo que dá consistência aos componentes de uma multiplicidade real: “*O que se passou?*” O acontecimento age como catalisador para a experimentação, pois atualiza os pontos de vista sobre faixas de intensidade que selecionam os componentes singulares de uma máquina abstrata (seus personagens, paisagens e datas). Essas *hecceidades* são individuações compostas por nomes próprios, artigos indefinidos e verbos no infinitivo (p.ex.: “bater numa criança”, “cair um cavalo”); a semiótica dos componentes conecta as singularidades distribuídas em um plano imanente (Id., 2002b, p. 51-52). Mas nesse plano se efetuam as mais variadas “sínteses de disparates”, e é por isso que Deleuze e Guattari nos lembram que é preciso agir com prudência na prática clínica: “é a sobriedade dos agenciamentos que torna possível a riqueza dos efeitos da Máquina” (Id., 2002d, p. 161).

É sempre importante destacar que *as máquinas abstratas não se identificam com a “mecânica” das máquinas técnicas*: uma máquina excede a todo mecanismo, ela se define pela síntese entre os heterogêneos que participam de um agenciamento concreto. “É por intermédio dos agenciamentos que o *phylum* seleciona, qualifica e inventa os elementos técnicos” (Id., 2002e, p. 76). Vemos então que Deleuze e Guattari partem de uma diferenciação entre os conceitos de “máquina” e de “agenciamento”:

[...] uma máquina é como um conjunto de pontas que se inserem no agenciamento em vias de desterritorialização, para traçar suas variações e mutações. [...] chamam-se *enunciados maquínicos* aos efeitos de máquina que definem a consistência onde entram as matérias de expressão (Id., 2002d, p. 146).

Ou seja, uma linhagem tecnológica compreende uma transversalidade entre os fluxos materiais (*phylum*), tal como uma estrutura orgânica compreende um *continuum* de variação entre as funções (diagrama). Há um conjunto heterogêneo de relações de força entre os componentes da máquina abstrata que libera sempre novas diferenças a

partir dos fluxos quantitativos da matéria. A máquina abstrata é responsável pela gênese de “linhas de diferenciação” que extraem uma mais-valia sobre as formas e substâncias de uma máquina concreta: essas linhas colocam em fuga os componentes articulados do agenciamento territorial e assim produzem um *movimento de desterritorialização*.

Nesse sentido, a máquina abstrata opera como um termo *medium* que sintetiza os traços de expressão e conteúdo, *mas sem distingui-los realmente* – ela cria puros afetos entre as singularidades distribuídas no plano de consistência. A máquina abstrata será considerada “pura” quando produzir um *continuum* de variação, uma linha de fuga que passa entre as formas e substâncias, que opera com matérias não-formadas e funções não-formais: a máquina abstrata pura consolida seus movimentos de desterritorialização diretamente na matéria do plano de consistência.

Um agenciamento está tanto mais próximo da máquina abstrata viva quanto mais abre e multiplica as conexões e traça um plano de consistência com seus quantificadores de intensidade e de consolidação (DELEUZE; GUATTARI, 2002e, p. 230).

A máquina abstrata integra o agenciamento concreto e deste se distingue como o efeito de sentido, como o acontecimento que recorta uma multiplicidade semiótica e pragmática de relações. Será ao mesmo tempo então que a máquina abstrata integra as regras concretas de um agenciamento e que ela também se diferencia deste como a pura virtualidade, como uma “pura reserva” dos acontecimentos que resistem à atualização. As máquinas abstratas operam a partir desse campo inesgotável de singularidades que funciona como causa imanente para um *agenciamento maquínico de expressão*, um movimento capaz de multiplicar as conexões entre os componentes de um território.

Deleuze e Guattari nos ensinam que, dado um agenciamento, é preciso distinguir entre o seu conteúdo (*sistema pragmático*, mistura de corpos) e a sua expressão (*sistema semiótico*, regime de signos): o critério fundamental da esquizoanálise é distinguir esses componentes, avaliar a natureza de sua distinção real e sua pressuposição recíproca, a

ocorrência de suas inserções, de fragmento em fragmento. As “regras concretas” se definem em relação aos eixos da “tetralvência” dos agenciamentos (Ibid., p. 219-220):

- *Primeiro eixo: territorialidade* (sistema semiótico-pragmático). O agenciamento maquínico da expressão e do conteúdo efetua uma regra de sobre-determinação, pois a expressão sempre atribui “transformações incorpóreas” aos conteúdos.
- *Segundo eixo: desterritorialização* (máquina abstrata). A enunciação maquínica se prolonga em uma zona de desterritorialização que já não apresenta expressão e conteúdo distintos, mas apenas matérias amorfas e funções não-formais.

A esquizoanálise corresponde a uma “análise pragmática” dos agenciamentos de produção da realidade. Para Deleuze e Guattari, essa proposta envolve (Ibid., p. 230):

- Uma *análise qualitativa* da máquina abstrata em relação às regras concretas que ela integra nos agenciamentos territoriais;
- Uma *análise quantitativa* do agenciamento em relação à máquina abstrata pura que consolida os movimentos de desterritorialização no plano de consistência.

Os autores descartam a existência de uma infra-estrutura causal exterior aos agenciamentos, de maneira que é preciso eleger um critério de “discernibilidade” entre as diferentes forças que são integradas pela máquina abstrata às regras concretas de cada agenciamento individualizado. Os autores propõem uma distinção operacional entre três tipos de força ou “moduladores existenciais” dos fluxos de matéria (Id., 2002d, p. 118):

- *Forças caóticas*: passam por componentes “direcionais” situados sob os limiares concretos de um agenciamento. Infra-agenciamento, forças do Caos que emitem vibrações e produzem movimentos com velocidade infinita por todas as direções (“movimentos do infinito” em que a matéria se torna inconsistente).
- *Forças terrestres*: passam por componentes “dimensionais” situados no limite de agenciamento. Intra-agenciamento, forças da Terra que operam funções para

desacelerar o Caos e produzir movimentos com taxas de velocidade diferencial (“movimentos finitos” em que a matéria se torna funcional).

- *Forças cósmicas*: passam por componentes de “fuga” direcionados para fora ou voltados para um outro agenciamento. Inter-agenciamento, forças do Cosmo que passam na alternância entre movimentos com velocidades relativas ou absolutas (“movimentos infinitos” em que a matéria se torna expressiva).

Esses três tipos de força jamais ocorrem em estado puro, ou seja, todas elas concorrem simultaneamente em coexistência e em sucessão nos meios concretos (por definição, uma força sempre é uma relação de forças): com efeito, todos os meios de agenciamento se estendem sobre o Caos, mas *cada entre-meio é rítmico*, pois efetua uma “síntese disjuntiva” no intervalo entre pelo menos dois meios heterogêneos. Para Deleuze e Guattari (2002d., p. 119), “o ritmo nunca age sobre o mesmo plano que o ritmado”, ou seja, ritmar não é medir ou reproduzir o tempo, mas *fabricá-lo*, mudando de direção entre durações distintas. O ritmo é o agente de um devir, é um vetor para a passagem de afetos entre pelo menos dois meios heterogêneos; – mas ainda não é suficiente para organizar essas relações em um território existencial. Para isto, é preciso que as regras concretas que integram o agenciamento façam com que as durações, quer dizer, os componentes rítmicos dos meios, passem a funcionar como “qualidades dimensionais” de um território existencial.

É a repetição periódica dos componentes de cada meio que permite a passagem de um agenciamento territorial, de maneira que cada relação de um meio com os outros ocorre através da emissão de um *código* (Ibid., p. 118). “A territorialização é o ato do ritmo tornado expressivo, ou dos componentes de meios tornados qualitativos” (Ibid., p. 122). Deleuze e Guattari entendem que *o território é o produto de um ato* que integra os meios em função das regras de agenciamento que entram em processo de atualização.

Essas regras organizam as relações formais dos códigos e desenvolvem as substâncias dos meios concretos. Será preciso esclarecer então como se produz esse circuito de “redundância” entre os códigos expressivos e os meios concretos para chegarmos à análise qualitativa dos agenciamentos, pois, mais especificamente, o território é criado quando um efeito de sentido se estabelece entre (Ibid., p. 124-125):

- Os ritmos territorializantes (componentes expressivos, *motivos territoriais*);
- Os meios territorializados (componentes funcionais, *contrapontos territoriais*).

A repetição dos componentes do meio produz um código, mas é a diferença potencial do código em relação aos meios codificados que modula a “insistência” (ou “endo-consistência”) de uma enunciação maquínica: o processo de encodificação investe sobre uma intensidade rítmica e cria um personagem capaz de efetuar a passagem de um meio a outro – “é o próprio ritmo que é todo personagem, e, enquanto tal, pode permanecer constante, aumentar ou diminuir [...] morrer ou ressuscitar, aparecer e desaparecer” (Ibid., p. 125). Os *personagens rítmicos* agem como motivos territoriais que criam uma relação entre os impulsos do vivente (meio interior) e as circunstâncias que o envolvem (meio exterior). Os ritmos processam a síntese conectiva entre os meios, eles intensificam as enunciações maquínicas e acumulam essas relações entre as singularidades codificadas. A insistência dos componentes direcionais do código traça as relações dimensionais para a passagem de um agenciamento territorial.

Nesse sentido, um código é inseparável de um processo de *transcodificação* ou *transdução*, isto é, da gênese de um intervalo entre ao menos dois meios assinalados em um agenciamento. Vemos então que: por um lado, os personagens rítmicos modulam as intensidades territorializantes e, por outro lado, as relações diferenciais mais ou menos combináveis entre os meios, a distância intensiva que se distribui entre as singularidades sensíveis modula a “transistência” (ou “exo-consistência”) dos meios territorializados.



O processo de transcodificação investe em um outro plano, sobre as qualidades que se estratificam entre os meios e criam uma paisagem harmônica ou funcional – “é a própria melodia que faz a paisagem sonora, tomando em contraponto todas as relações com uma paisagem virtual” (Ibid., p. 126). As *paisagens melódicas* são contrapontos territoriais que colocam as circunstâncias exteriores em mútua relação com os impulsos do vivente. As melodias processam a síntese disjuntiva entre os meios, elas estratificam as formas e substâncias que diferenciam as qualidades da matéria. A transistência dos componentes dimensionais dos meios relaciona as qualidades expressivas de um território existencial.

Esse circuito se completa quando consideramos que a criação de um território implica não só na encodificação e na transcodificação dos meios, mas também implica necessariamente em uma *descodificação* dos próprios códigos territoriais (Ibid., p. 134). A descodificação é a “mais-valia” do agenciamento maquínico de expressão que faz com que os códigos entrem em um *continuum* de variação. Para Deleuze e Guattari, esse processo de descodificação é inerente a qualquer código, pois é graças a ele que sempre irá se produzir um movimento de desterritorialização junto às forças intensivas de um agenciamento territorial. Esse processo se impõe tanto aos personagens rítmicos quanto às paisagens melódicas, projetando-os em uma linha de fuga que os ultrapassa e segue em direção ao Cosmo (ou seja, para fora de qualquer agenciamento assinalável).

Isto significa que os diagramas e os *phylum* devem possuir uma autonomia em relação às qualidades expressivas que se consolidam nas formas e nas substâncias mais complexas do sistema estratificado. Os componentes rítmicos e melódicos relacionam-se em coexistência e sucessão, mas a síntese conjuntiva entre as qualidades do território depende da “consistência” de seu material de expressão. Deleuze e Guattari dizem que a matéria de expressão trabalha conjuntamente as intensidades rítmicas e as qualidades melódicas, e assim é capaz de levar ao infinito as variações formais e liberar a potência

expressiva dos traços de intensidade pura. O ato de consistência relaciona as qualidades da matéria através de linhas de diferenciação que integram essas singularidades em um *continuum* intensivo. Haverá então um *cromatismo harmônico* da matéria de expressão, das qualidades expressivas que se conjugam em uma multiplicidade real situada entre as singularidades mais disparatadas: a harmonia produz “superposições diagramáticas” dos ritmos e “articulações funcionais” das melodias dentro de uma virtualidade pura.

Assim, a modulação das qualidades expressivas passa pela criação da Diferença, pela divergência entre as séries que potencializa as funções do material de expressão: ora ela reúne os ritmos e as melodias em um “domínio” (infra-agenciamento do Caos); ora reúne os personagens e as paisagens em um “estilo” (intra-agenciamento da Terra); ora reúne os agenciamentos em uma “arte de captura” (inter-agenciamento do Cosmo). O território é produzido pelo ato de consistência que integra as regras de agenciamento através dos três tipos de moduladores existenciais:

- *Insistência* das vibrações caóticas (direcionamento rítmico, conexão);
- *Transistência* das funções terrestres (dimensionamento melódico, disjunção);
- *Consistência* das forças cósmicas (transversalidade harmônica, conjunção).

Em resumo: o território consiste em um “ter” que é mais profundo que o “ser” (Ibid., p. 123), ou seja, as qualidades expressivas são automoventes e passam sempre aquém ou além da percepção. O grau de consistência do território existencial se define em função do grau de indiscernibilidade entre as qualidades polívocas do agenciamento: *quanto mais indiscerníveis são as relações entre os componentes do agenciamento, maior é a potência do movimento de desterritorialização*. Ou ainda, em termos de CsO: as diferenças de natureza entre as dimensões articuladas no agenciamento correspondem à longitude da territorialidade; já as diferenças de grau entre os platôs de intensidade correspondem à latitude do movimento de desterritorialização.

## 2.2. Ritornelos existenciais

Deleuze e Guattari entendem que até mesmo o material mais desterritorializante, a força mais molecularizada pode operar uma máquina capaz de capturar as forças mais desterritorializadas, as forças cósmicas “invisíveis” e até mesmo “impensáveis”: a mais simples matéria de expressão, a linha abstrata projetada sobre o plano móvel pode *tornar visíveis* as formas mais complexas de distribuição cósmica, “sintetizando uma força imensa em um espaço infinitesimal” (DELEUZE; GUATTARI, 2002d, p. 162). Sobretudo, a força de uma síntese de disparates depende da “sobriedade” com que a máquina abstrata efetua as operações de extração e captura, os atos de consistência que irão facilitar ou impedir a integração das regras concretas, desencadear ou inibir a elaboração de um *ritornelo existencial* tanto mais potente quanto livre de ruídos.

Deleuze e Guattari defendem uma concepção musical da natureza, tal como Von Uexküll propôs em sua teoria dos “mundos animais”. A análise dos ritornelos pode ser chamada de uma etologia dos agenciamentos territoriais, pois tratam da composição dos movimentos de desterritorialização entre os afetos em um plano de consistência (CsO). “O território é primeiramente a distância crítica entre dois seres [...]” (Ibid., p. 127). Essas distâncias afetivas situam os personagens rítmicos e as paisagens melódicas em blocos de devir que se expressam pelas relações diferenciais entre os traços de intensidade e os tensores dos meios concretos. “O ritornelo age sobre aquilo que o rodeia, som ou luz, para tirar daí vibrações variadas, decomposições, projeções e transformações” (Ibid., p. 167).

O ritornelo é um prisma, um tipo de “cristal” ou de “proteína” de espaço-tempo, uma forma *a priori* que fabrica uma multiplicidade intensiva de relações entre os afetos. Esse material especial tem “uma função catalítica: não só aumentar a velocidade das trocas e reações naquilo que o rodeia, mas também assegurar interações indiretas entre

elementos organizados” (Ibid.). A forma de conteúdo de um ritornelo é o resultado da consolidação de um material de expressão voltado para o plano de consistência.

O ritornelo age como um vetor, como uma força capaz de liberar movimentos de desterritorialização. Estes podem ser *relativos*, quando a máquina abstrata permanece voltada para os estratos, alternando entre agenciamentos distintos, ou *absolutos*, quando a máquina produz linhas de fuga e convertem o agenciamento ao plano de consistência. Em ambos os casos, a desterritorialização se mostra como “dupla desterritorialização”, porque *ela funciona como fator de organização para as forças no interior do território*: há sempre uma relação assimétrica entre os componentes semióticos e pragmáticos de um agenciamento em que “o menos desterritorializado precipita a desterritorialização do mais desterritorializante, que reage mais ainda sobre ele” (Ibid., p. 109). A expressão é o fator desterritorializante, pois ela integra as forças materiais que apresentam um grau de intensidade superior: a expressão desterritorializa todos os conteúdos com grau de intensidade menor, que passam a servir como meio ou como suporte desterritorializado.

A desterritorialização do agenciamento territorial se efetua através de operações específicas e localizadas: a máquina abstrata opera sobre os processos imanentes, ela “captura” os fluxos moleculares de intensidade. São essas capturas que consolidam um ritornelo existencial capaz de aumentar a potência dos afetos, isto é, de integrar as intensidades com grau superior em um *continuum* através das operações de consistência. O construtivismo das multiplicidades reais corresponde a essa consolidação do material: não só de uma forma ativa que tornaria a matéria funcional, mas também da função dos traços de intensidade que tornam a matéria expressiva. Essa “função-matéria” é capaz de levar ao infinito os traços liberados das formas e conectar os platôs de intensidade contínua, isto é, compor um movimento de desterritorialização cada vez mais potente, consolidado pelos ganhos de consistência do material de expressão.

A máquina abstrata realiza a extração de sucessivas “mais-valias” entre as forças capturadas, graças às quais o número de dimensões da realidade é multiplicado: assim, ao capturar as vibrações do Caos, a máquina extrai uma *mais-valia de descodificação*; ao capturar as funções da Terra, a máquina extrai uma *mais-valia de desestratificação*; ao capturar as variações do Cosmo, a máquina extrai *mais-valia de desterritorialização*.

Nesse sentido, a máquina abstrata deve ser uma *máquina autopoietica* cujos atos de consistência serão tanto mais fortes quanto “autoconsistentes” (Ibid., p. 149-150). Quanto mais o material de expressão for autônomo em relação às formas e substâncias dos meios, maior será o potencial da máquina para consolidar uma diferença de natureza em um platô de intensidade contínua. A máquina é tanto mais autopoietica quanto mais suas matérias e funções forem potencialmente desterritorializadas, e inversamente, as enunciações maquínicas tanto mais se mantêm juntas quanto mais suas conexões forem capazes de traçar linhas de diferenciação entre as qualidades da matéria de expressão. Assim, a autoconsistência é o efeito da máquina abstrata *em estado puro*, é o ato de consistência de um *phylum* ou um diagrama que será tanto mais potente quanto maior for o número de dimensões heterogêneas conectadas em um *continuum* intensivo. As articulações do real são produzidas pelo agenciamento maquínico que constrói os platôs de intensidade contínua segundo diferenças de grau, a partir do nível Zero do plano de consistência. Esse plano define as regras concretas de composição para um material de expressão apto a captar forças cada vez mais intensas.

O que torna o material cada vez mais rico é aquilo que faz com que heterogêneos mantenham-se juntos sem deixar de ser heterogêneos (DELEUZE; GUATTARI, 2002c, p.141).

O processo de construção de um ritornelo existencial promove a *heterogênese* entre as  $n$  dimensões da realidade – mas, para que as regras concretas sejam integradas com prudência nos agenciamentos, é preciso que o grau de indiscernibilidade entre as

qualidades do material permita que sejam traçadas novas “linhas de experimentação” capazes de consolidar essas diferenças diretamente no plano de consistência.

Esse construtivismo das articulações entre as  $n$  dimensões da realidade exige um esclarecimento sobre a função que uma máquina autopoietica efetua na produção do conhecimento ontológico. Tomemos por referência o sujeito na tradição kantiana, em que a palavra autonomia (“auto”, próprio; “nomos”, regra) significa dar-se a si mesmo suas próprias leis, em oposição à heteronomia, que significa ser regado ou determinado por outrem. Nessa concepção, o imperativo supõe uma ambigüidade entre a lei e os modos temporais de ser: o sujeito autônomo se divide entre a espontaneidade de legislar e a passividade de se conformar à lei. Uma parte dele é pura determinação, a outra, pura indeterminação. No sentido empregado por Deleuze e Guattari, a palavra autonomia deve ser entendida como sinônimo da palavra autopoiese, que significa “reciprocidade” entre dois planos distintos *que se criam mutuamente*. Nessa perspectiva ontológica, o vivente e o mundo são igualmente determinados pela mesma operação autopoietica da realidade, e além dessa relação determinante o que resta é *nonsense* simplesmente. Repare-se que o ato cognitivo é aqui entendido como uma ação simbiótica anterior ao subjetivo e ao objetivo, que seriam derivados desse “ato puro de criação” em que o criador e a criatura se relacionam na imanência (*natura naturans*).

Autores da biologia do conhecimento como Varela e Maturana definem a vida como uma evolução em rede em que as conexões sensíveis ampliam as dimensões de sentido em função da autopoiese do mundo e do vivente. Esses autores tratam assim de questionar o darwinismo clássico que aponta para a ação do meio como seletor natural. A definição de nicho como um “domínio de existência”, por exemplo, aponta para essa dupla criação instaurada entre o vivente e o meio ambiente:

Na medida em que o meio inclui o nicho e o nicho não preexiste ao vivente, tampouco preexiste o meio ao vivente que o ocupa; ao

contrário, surge com ele. O domínio de existência do vivente corresponde ao que Von Uexküll (1957) chama de *Umwelt*, em que um mesmo vivente pode realizar distintas identidades ao realizar distintos nichos (MATURANA; MPODOZIZ, 1992, p. 14).

Os autores defendem uma idéia de evolução que compreende a passagem dos viventes e dos nichos existenciais por “derivas naturais”, em que os impulsos interiores e as circunstâncias exteriores se relacionam sem que haja meta, como sugere o primado da adaptação. Igualmente, Deleuze e Guattari entendem que os territórios existenciais são resultados de relações simbióticas em que cada nova aliança entre os impulsos do vivente e seu meio exterior indica a passagem de uma série com variações contínuas, de modo que nenhum dos termos pode determinar a regra de desenvolvimento do outro. Nesse sentido, a evolução se processa entre movimentos relativos em que os afetos desterritorializam as relações do vivente com o meio compondo os blocos de devir.

Na criação desses mundos simbióticos entende-se por autopoiese o ato criativo no qual se distinguem sem se separar a Vida e o vivente. O vivente, nesse sentido, é uma multiplicidade temporal ou deriva natural cujo estado atual comporta o virtual como excesso, e a noção de “falta” deixa de ser pertinente. Na verdade, esse excesso do virtual é interno às dimensões atuais da realidade, pois ele se projeta irreversivelmente no devir, no movimento de desterritorialização. A Vida, no sentido ontológico, é esse impulso que se excede no vivente, no qual a autopoiese se efetua como uma abertura indefinida para a criação, que segue através da deriva natural dos domínios existenciais: é o devir-imperceptível da desterritorialização que abre o vivente para fora do território vivido e o projeta para existências virtuais.

Segundo Deleuze e Guattari (2002d, p. 124), os processos envolvidos na criação de um território existencial são “automoventes”, ou melhor, que *os atos de consistência são autônomos*, tanto em relação a um impulso interior quanto em relação a uma circunstância exterior. O ritornelo funciona como agente de um devir, como vetor em

automovimento do impulso vital que passa por múltiplos estados de consistência entre componentes dos motivos e dos contrapontos territoriais. As distâncias intensivas são sempre vagas, pois se atualizam na medida em que os atos de consistência reorganizam o conjunto de funções expressivas, assim como redistribuem as relações de força no interior do território (Ibid., p. 129-130).

O ritornelo cria um centro intenso do território, um “em casa” onde as forças dos agenciamentos se integram e seus elementos mais disparatados ganham consistência. Nesse sentido, os agenciamentos territoriais sempre possuem um conjunto de relações que se conserva, na medida em que permite a passagem de um *continuum* intensivo no interior do território. Mas sempre haverá também relações que irão se decompor em prol do aumento de conexões entre as outras dimensões da realidade, que poderão ser assim anexadas aos limites do território. Há uma multiplicidade de estados intermediários em que a relação entre as qualidades da matéria varia amplamente, e assim atualiza a cada vez as regras concretas de um agenciamento individuado.

As qualidades da matéria são integradas e diferenciadas pelas operações que as tornam expressivas: o ritornelo opera como uma função existencializante que trabalha sobre as qualidades heterogêneas para construir linhas de diferenciação, tanto mais potentes quanto sintetizam um material cada vez mais simples. “A consistência se faz necessariamente de heterogêneo para heterogêneo” (Ibid., p. 143), entre as qualidades coexistentes e sucessivas distribuídas no plano de consistência, e assim produz uma multiplicidade de relações entre as intensidades puras: as linhas de diferenciação partem sempre de um conjunto vago de matéria até chegar à consolidação das diferenças em um ritornelo idealmente simplificado.

Contudo, a máquina abstrata pura não distingue realmente entre os componentes semióticos e pragmáticos do agenciamento, ela opera por linhas de desterritorialização



absoluta traçadas sobre o plano de consistência. A análise quantitativa dos movimentos de desterritorialização deve considerar não só as taxas de velocidade, mas, sobretudo, se o movimento é relativo ou se é absoluto: o grau de desterritorialização atingido por um movimento relativo permite a análise qualitativa de sua velocidade de reterritorialização – a velocidade é um diferencial entre movimentos relativos que se prolongam por *lados territoriais* (Id., 2002b, p. 31). No entanto, um movimento absoluto pode atingir *picos de desterritorialização* com graus de velocidade infinita, quando uma máquina abstrata pura está voltada para as relações diagramáticas do plano de consistência.

Os blocos de devir se distribuem por diferentes graus de velocidade intensiva, sendo que cada bloco consolidado extrai uma série de mais-valias entre as forças do campo virtual para criar um corpo sem órgãos (CsO). Esse corpo pleno não pode ser dividido em unidades molares para formar estruturas, e nem reduzido a seus centros funcionais por arborescência; ao contrário, o agenciamento de suas moléculas deve ser considerado como uma multiplicidade real em transformação. Para Deleuze e Guattari (2002a, p. 25), o que faz um conjunto vago de relações qualitativas entrar em um bloco de quantidades consolidadas é uma multiplicidade cerebral, probabilística e incerta: “*an uncertain nervous system*”. Não se trata de buscar a simplicidade do material de expressão na organização lógica de seus traços formais e nem no desenvolvimento substancial de suas propriedades essenciais; a consolidação de um material simples envolve necessariamente uma população de neurônios, ou seja, uma multiplicidade de acoplamentos neurais autoconsistentes em que uma quantidade vaga e probabilística de moléculas transitórias que salta de um heterogêneo a outro, ainda que seja ao passar por hierarquias dominantes, por estruturas molares e estratificadas.

O importante é que essas relações se produzem entre os componentes cerebrais, mas não se reduzem às “reações diretas” entre elementos químicos, e nem o cérebro se

reduz a um sistema de “conexões lineares” entre dendritos de um tecido contínuo (Ibid). Para Deleuze e Guattari (2002d, p. 140), pelo contrário, a consolidação de um conjunto de conexões neurais envolve uma multiplicidade rizomática, “pacotes de relações” que funcionam a cada vez como desencadeadores ou inibidores, e que são pilotados por “moléculas oscilantes” com duas cabeças ao menos. Tais *osciladores* dão consistência ao fluxo quantitativo de uma multiplicidade cerebral: em vez de um desenvolvimento que partiria de uma estrutura genética herdada, os osciladores promovem a distribuição das intensidades nervosas entre os centros funcionais de interação, e coordenam esses centros separadamente. Nesse sentido, os processos de consolidação de um ritornelo existencial apresentam três aspectos em coexistência e em sucessão (Ibid., p. 140-141):

- Os osciladores induzem um aumento de densidade nos fluxos quantitativos ao conectar as intensidades através de “sintetizadores intercalares”;
- Os graus de diferença entre as intensidades fazem uma “acomodação intervalar” entre as linhas rizomáticas, consolidando-as em pacotes de relações disjuntivas;
- Os intervalos temporais se relacionam por “superposição-articulação” entre os fluxos moleculares heterogêneos que se interpenetram mutuamente e conjugam as diferenças de natureza em um bloco de devir.

Nesse sentido, a consolidação é um processo que não tem um começo linear no tempo, pois é a intensificação do fluxo moleculares que irá desencadear ou inibir o processo de autoconsistência que cria um ritornelo existencial. Isto significa que o ato de consistência, o ato criador do consolidado é necessariamente duplo: ele é o resultado de uma máquina autopoietica que *se cria*, diferenciando-se a partir de um conjunto vago de neurônios que ela própria investe. Na consolidação, a “causa” sempre é imanente ao “efeito”, ainda que este seja completamente autônomo, ainda que os efeitos de sentido sempre excedam ou resistam aquém ou além daquilo que é criado.

Mais propriamente, a criação do consolidado só pode ser realizada no tempo, mas isso não significa que o tempo real se resume ao presente, ao atual; pelo contrário, é preciso que a criação comporte certa “inaturalidade”, um tempo virtual e probabilístico, mas não menos real do que aquele do atual. Para Deleuze e Guattari, a consolidação é o processo pelo qual uma virtualidade temporal se intensifica e se encarna nas diferenças de natureza através de múltiplas e diferentes atualizações.

A consolidação não se contenta em vir depois; ela é criadora. [...] o começo não começa senão entre dois, *intermezzo*. A consistência é precisamente a consolidação, o ato que produz o consolidado (DELEUZE; GUATTARI, 2002d, p. 140-141).

O ritornelo existencial é um consolidado de dentro, uma Memória que se define não como a “forma *a priori* da interioridade”, *mas como a forma a priori e histórica do Tempo* que permite com que o próprio tempo seja visto: “o ritornelo fabrica tempos diferentes a cada vez” (Ibid., p. 167). Essa multiplicidade temporal abrange o que vai se passar no futuro e o que acaba de se passar no passado em um virtual sempre em vias de se atualizar. Essa distinção permite conceber o tempo como uma operação singular de turbilhão onde o atual e o virtual se entrelaçam um em relação ao outro (Ibid., p. 48-49): esse circuito se caracteriza pela multiplicidade, e não pela unidade temporal. Deleuze e Guattari buscam em Bergson essa cisão do tempo em duas tendências inseparáveis que cria uma disjunção ou bifurcação entre o atual, que é o grau mais contraído do passado, e o virtual, que é o grau mais distendido do presente: a atualização é a operação local de integração e de diferenciação uma temporalidade que não passa sem mudar de natureza.

Em resumo: o virtual é o excesso irreduzível do Acontecimento, é o campo de forças *em que resistem os puros efeitos de sentido*. A atualização psíquica é o ato que libera uma diferença interior ao Tempo, *criando linhas de experimentação que tendem a “esgotar” todas as virtualidades*, até que suas regras concretas de agenciamento forcem a passagem ao limite para novas diferenciações divergentes e imprevisíveis.

### 2.3. Estratificação e consistência

É uma inspiração bergsoniana que norteia o pensamento de Deleuze e Guattari – *o real é ao mesmo tempo atual e virtual*. Essa cisão da temporalidade se propõe a tratar das dimensões assimétricas e heterogêneas da realidade: o atual corresponde tanto ao ponto de vista do sujeito como ao ponto de vista do objeto, enquanto que o virtual só é apreensível de uma perspectiva *sui generis*, em uma experiência anterior à dualidade do subjetivo e do objetivo. Isto significa que é preciso situar uma distinção básica entre duas noções de tempo: o atual é *Cronos*, o “tempo da medida” que organiza as formas e fixa os sujeitos em relação a unidades cronológicas de um tempo infinitamente presente; já o virtual é *Aion*, o “tempo do devir”, tempo ilimitado, amorfo, impessoal, impassível e incorpóreo – a “pura reserva” dos acontecimentos. Essa virtualidade pura relaciona os acontecimentos em séries divergentes e assim cria mundos impossíveis que reúnem os disparates em unidades fragmentárias e irreduzíveis ao Uno (“já-aí” e “ainda-não-aí”, “tarde-demais” e “cedo-demais”, “antes” e “depois” simultâneos no instante).

A cisão da temporalidade entre o atual e o virtual permite a definição de dois tipos de memória que, sobretudo, apresentam diferenças qualitativas: a *memória curta* (rizomática) se define pela descontinuidade, pela multiplicidade virtual de suas relações no tempo, enquanto que uma *memória longa* (arborescente) se define pela continuidade, pela multiplicidade atual dos estratos. Para Deleuze e Guattari o importante é que

[...] as duas memórias não se distinguem como dois modos temporais de apreensão da mesma coisa; não é a mesma coisa, não é a mesma recordação, e não é também a mesma idéia que elas apreendem (DELEUZE; GUATTARI, 2002a, p. 26).

A proposta dessa conceituação é descrever uma história natural em que uma multiplicidade real mistura tanto os processos filogenéticos da memória longa (que se estendem por grandes períodos na estratificação de linhagens, raças, sociedades e civilizações), quanto os processos ontogenéticos da memória curta (que seguem por

períodos descontínuos, saltando por intervalos variados e conjuntos vagos de relações afetivas no campo social).

No plano codificado da memória longa, tudo o que entra é apreendido por um processo de organização formal e desenvolvimento substancial: os estratos conservam uma memória infinitamente contraída das qualidades no presente. Essa memória atual opera por correlações biunívocas cada vez mais estáveis entre a expressão e o conteúdo – *o organismo é uma memória longa*, já que fixa um princípio formal de identidade para o corpo, um modelo de transcendência que impõe uma hierarquia funcional dos órgãos a fim de lhe “extrair um trabalho útil” (Id., 2002c, p. 21). Os estratos conservam a própria memória do mundo, o juízo da realidade dominante que opera por reterritorialização sobre centros de gravidade que capturam os fluxos moleculares em segmentos estáveis, em conjuntos molares com correlações estratificadas.

Entretanto, os órgãos de um organismo não param de ser tensionados por vetores de velocidade com taxas de atualização e com diferentes graus de desestratificação, sem os quais o “élan vital” jamais se diferenciaria em relação ao atual: *o corpo pleno é uma memória curta*, já que define uma multiplicidade de relações entre os órgãos e o não-orgânico, um *continuum* de intensidades que preenche os afetos no campo social. Essa desestratificação do organismo libera uma matéria não-formada que corresponde aos traços de intensidade expressiva: a memória rizomática conecta as linhas dos fluxos intensivos e as projeta no tempo do devir. A memória curta apreende esse conjunto de relações diagramáticas como um povoamento de intensidades puras. Nesse sentido, vemos que as correlações formais dos estratos são as operações que conservam *o mundo* dentro de uma série convergente de acontecimentos; mas a autopoiese dos blocos de devir cria a cada vez *um mundo*, um universo virtual a partir das singularidades que operam entre séries divergentes de acontecimentos. Assim, podemos definir:

- Uma memória curta, composta por uma “multiplicidade virtual” que projeta um *continuum* entre as diferenças de natureza, um bloco de devir composto por movimentos infinitos com graus de consistência.
- Uma memória longa, composta por uma “multiplicidade atual” que articula os estratos segundo diferenças de grau, em função de centros de gravidade e unidades estratificadas com níveis de estabilização.

A memória e o esquecimento são coextensivos, tal como o presente e o passado constituem os dois pólos de uma dobra temporal que conserva as qualidades contraídas em sensações. Assim, sempre esquivada do presente, a memória não se distingue do esquecimento, pois é o próprio processo de esquecimento que permite desdobrar as sensações que se conservam na memória. Essa coextensividade faz com que o

[...] presente passe ao esquecimento, mas conserva todo passado na memória, esquecimento como impossibilidade de retorno, e memória como necessidade de recomeçar (DELEUZE, 2005, p. 115).

Os traços da memória operam na dobra entre os dois sentidos opostos do tempo, fazendo a conservação do passado e o devir do presente movimentos coextensivos na superfície do pensamento. Com efeito, tal movimento leva ao infinito o *desdobramento* ou a distensão da memória na exterioridade sucessiva do presente, assim como o *redobramento* ou a contração da matéria na interioridade coexistente do passado.

Considerada em si mesma, a dobra se define como uma “absoluta memória”, um campo transcendental que ultrapassa o tempo do vivido e prolonga-se no devir infinito de um *Aion* ilimitado. As dobras no pensamento compreendem temporalidades que se entrelaçam em uma multiplicidade virtual, onde uma série divergente de acontecimentos ou a impossibilidade entre os mundos virtuais está sempre em vias de se atualizar. Esse emaranhado ontológico da memória não é uma faculdade interior ao homem, mas antes um “em casa”, uma morada para o homem. Como destaca Pelbart, a dobra é uma

“Memória-Mundo, um gigantesco cone invertido, multiplicidade virtual da qual somos um determinado grau de distensão ou contração” (ALLIEZ, 2000, p.90).

Os processos da memória longa se definem pela existência de níveis estáveis de equilíbrio entre o organismo e o meio, de trocas reguladas por correlações formais entre as qualidades contraídas no meio interior e a matéria distendida nos meios exteriores. Mas a estratificação dessas correlações varia de acordo com o grau de consistência atingido pelas linhas de diferenciação entre as velocidades virtuais de um agenciamento: essa determinação dos níveis de equilíbrio nas trocas entre o vivente e o meio depende dos osciladores da memória curta, dos fluxos moleculares de quantidades consolidados em uma superfície de estratificação. Assim, são essas variações virtuais nas correlações maquínicas que definem: por um lado, os níveis de estratificação entre as formas e as substâncias definem os *limites* para a margem funcional de um agenciamento; por outro lado, os graus de consistência entre as velocidades intensivas que preenchem um CsO definem os *limiars* perceptivos dessas variações no fluxo de quantidades consolidadas.

Deleuze e Guattari propõem então uma *análise do cérebro como superfície de estratificação*: a memória longa conserva sistemas estratificados, meios articulados por causalidades lineares entre substâncias e sobrecodificados por formações hierárquicas entre funções; contudo, a memória curta cria “conjuntos autoconsistentes” (DELEUZE; GUATTARI, 2002d, p. 149), blocos consolidados de materiais e forças heterogêneos. Esses blocos se diferenciam pelos vetores de velocidade que atuam no interior da memória longa, na passagem de um *continuum* entre as formas e substâncias de um sistema estratificado. Com efeito, o esquecimento é o processo imanente da memória curta, pois é ele que libera os afetos de um organismo para entrarem em conexão com os meios adjacentes distribuídos no plano de consistência. “O CsO não existe ‘antes’ do organismo, ele é adjacente, e não pára de se fazer” (Id., 2002c, p. 27). Os blocos de

devir são conjuntos de afetos que consolidam matérias e forças capazes de produzir uma desestratificação no sistema da memória longa, compondo e decompondo suas relações com um “meio anexo” capaz de integrar as intensidades e criar um novo CsO.

Para Deleuze e Guattari, conceituar o cérebro como uma multiplicidade real significa defini-lo a partir dessas características rizomáticas da memória curta, que agem à distância, no contratempo da memória longa: “o cérebro é muito mais uma erva do que uma árvore” (Id., 2002a, p. 25). Um bloco de devir é uma multiplicidade nervosa, afetiva e imanente que compõe e decompõe as relações intensivas de um CsO de acordo com o rizoma de seus afetos, de acordo com os vetores de velocidade que atualizam os traços diagramáticos da matéria para compor as dimensões do agenciamento territorial. As máquinas abstratas operam como pontas para essas linhas rizomáticas, linhas de fuga ou movimentos de desterritorialização que funcionam como “chaves que abrem e fecham os agenciamentos territoriais” (Id., 2002d, p. 148).

A estratificação opera no entre-meio do agenciamento maquínico de expressão: as multiplicidades virtuais apresentam taxas de velocidade de atualização que definem equilíbrios relativos (entre os componentes do agenciamento) e absolutos (entre as intensidades do plano de consistência). As velocidades são “relações diferenciais” entre os componentes dos meios sobre uma superfície em que se produz o acúmulo dessas relações, a sobreposição entre os estratos. A síntese dos substratos compõe uma camada mais compacta, um *interestrato* que processa a transcodificação entre os componentes estratificados (Id., 2002a, p. 54). É nesse sentido que a máquina abstrata é um Ecúmeno: ela efetua uma “unidade de composição” para os estratos (Ibid., p. 65). Mas o sistema estratificado não esgota a matéria, a vida não-orgânica das intensidades puras, uma vez que os componentes formais e substanciais do organismo também se decompõem em fluxos livres de matéria não-formada, em um *metaestrato* que processa a descodificação



dos componentes estratificados (Ibid., p. 54). Nesse outro sentido, a máquina abstrata é um Planômeno: ela efetua um “plano de consistência” para os CsO (Ibid., p. 72), um *continuum* de intensidades que opera por desestratificação do organismo.

Novamente, Deleuze e Guattari advertem que essas correlações não obedecem ao modelo estrutural (ver p. 22): o desenvolvimento substancial dos modos de relação entre o organismo e a matéria depende dos diferenciais de velocidade que estabelecem o equilíbrio entre os meios interiores e exteriores, mas estes podem permanecer inferiores ou superiores ao limiar perceptivo de variação de um agenciamento. O desenvolvimento substancial do Ecúmeno é, portanto, fragmentado em *epistratos* descontínuos (Ibid., p. 65), segundo taxas de velocidade que fazem a unidade de composição do organismo variar e deslocar o equilíbrio entre um centro de gravidade e a periferia dos estratos. Assim, as trocas entre o meio exterior e o meio interior de um organismo apresentam diferenças de natureza de acordo com o CsO que compõe sua relação com o meio que é “associado ou anexado” (Ibid., p. 66) ao limite funcional do organismo. Os tipos de CsO compõem um conjunto vago de estados intermediários de equilíbrio entre o centro e a periferia do sistema estratificado, uma multiplicidade populacional que se sobrepõe à organização formal dos tipos de desenvolvimento do organismo.

O Ecúmeno se fragmenta também em *paraestratos* irreduzíveis (Ibid., p. 67), em que um meio associado permite a criação não só de novos tipos formais, mas também de novos modos laterais de relação com meios exteriores das mais diferentes naturezas. Assim, a organização formal dos códigos territoriais implica não só na variação de uma multiplicidade populacional, mas implica igualmente em variações no código genético dessa população. Esse fenômeno de “deriva genética” (Ibid., p. 68) fornece um conjunto de suplementos e extrai as sucessivas mais-valias para o agenciamento maquínico de expressão (mais-valias de descodificação, de desestratificação e de desterritorialização).

O Ecúmeno ou a memória longa dos estratos sempre se apresenta fragmentado tanto em epistratos como em paraestratos, pelos quais opera o Planômeno ou a memória curta do plano de consistência. É nesse *intermezzo* entre os dois estados da máquina abstrata pura que o movimento de desterritorialização absoluta multiplica as conexões em uma multiplicidade real. É através desse intervalo que as múltiplas linhas de ação da diferença são consolidadas em uma superfície cerebral, seja distribuindo as variações de uma população entre os centros de equilíbrio e a periferia do sistema estratificado, seja conquistando novas associações simbióticas de um organismo com os meios exteriores. O programa prático da esquizoanálise é criar, selecionar e articular esses corpos plenos, separando-os dos corpos esvaziados: na psicanálise, o erro estava em ver somente a imagem regressiva de um *corps morcelé* (órgãos sem corpo, OsC) onde havia um corpo pleno sem órgãos.

O CsO é o ovo. Mas o ovo não é regressivo: ao contrário, é contemporâneo por excelência, carrega-se sempre consigo, como seu próprio meio de experimentação, seu meio associado (Ibid., p. 27).

Em resumo: a desterritorialização é um fenômeno de aliança que dá consistência a um CsO. É um *agenciamento de desejo* que constitui blocos de afetos heterogêneos. Como dizem Deleuze e Guattari “o problema material da esquizoanálise é saber se nós possuímos os meios de realizar a seleção, separar o CsO de seus duplos” (Id. 2002c, p. 29), realizar a “prova do desejo”: distinguir os sistemas estratificados de significância e subjetivação e os blocos de devir autoconsistentes, assignificantes e assubjetivos. Essa distinção libera linhas de *experimentação clínica* capazes de criar novas alianças com os meios associados e transmutar o organismo em um “corpo superior”. *O Planômeno é o critério de seleção e de escolha entre as relações que podem ou não compor um CsO.* As máquinas desejantes recortam os agenciamentos e elaboram as ligações transversais, as passagens entre os platôs de intensidade contínua que criam um CsO e o preenchem com as intensidades de um campo social.

## 3. SUPERFÍCIE DO PENSAMENTO

### 3.1. Linhas de experimentação

Os estratos da memória longa e os devires da memória curta compõem um conjunto de multiplicidades reais que não pára de mudar de natureza na medida em que suas  $n$  dimensões se articulam em meio aos intervalos temporais da superfície cerebral. Essa superfície funciona como um interestrato ou uma superfície de estratificação, pois é nela que ocorre a dupla articulação dos códigos (formas e substâncias de expressão) e das territorialidades (formas e substâncias de conteúdo). Mas o sistema estratificado se mostra em condições de fragmentação que o dividem não só em epistratos descontínuos (diferenças entre modos de desenvolvimento substancial), mas também em paraestratos irreduzíveis (diferenças entre tipos de organização formal). Assim, é preciso considerar que os estratos somente existem sobre um metaestrato ou plano de consistência, onde não há distinção real entre expressão e conteúdo, mas apenas uma máquina abstrata pura que desestratifica tanto as formas como as substâncias, e assim opera sobre uma matéria infinitamente intensa.

As intensidades que povoam o plano de consistência operam a passagem de um agenciamento maquínico entre componentes anorgânicos, assignificantes e assubjetivos. Esquemáticamente, ora a máquina abstrata é o Ecúmeno, que conserva o mundo nos estratos, no tempo atual, ora é o Planômeno, que projeta um mundo no devir, no tempo virtual. Cabe então a essa máquina abstrata definir os critérios de seleção entre as regras concretas que entram (ou não) no agenciamento, pois, como dizem Deleuze e Guattari, “não deveríamos nos perguntar como alguma coisa saía dos estratos, mas antes como as coisas aí entravam” (DELEUZE; GUATTARI, 2002a, p. 72). Um agenciamento produz o entrelaçamento do plano de consistência com o sistema estratificado, de maneira que

as intensidades entram em correlação nos estratos orgânicos, significantes e subjetivos. Assim, o agenciamento maquínico produz *linhas de experimentação* que passam entre os componentes do sistema estratificado, ele consolida blocos autoconsistentes que são capazes de preencher a superfície cerebral com um *continuum* de intensidades.

As linhas de experimentação superpõem os platôs de intensidade e aceleram as passagens entre os componentes segmentados pela superfície cerebral de estratificação. Essas linhas se prolongam em movimentos infinitos, na efetuação do Planômeno que desestratifica os segmentos e remete suas formas e substâncias ao plano de consistência (desterritorialização). O Ecúmeno, ao contrário, efetua a ressonância entre os múltiplos segmentos para garantir a unidade dos estratos (reterritorialização). O mais importante é que a desterritorialização corresponde a um movimento infinito que passa *ao lado* dos estratos, ou seja, o sistema estratificado, por definição, corresponde ao conjunto residual deixado pela passagem de um movimento de desterritorialização absoluta.

Segundo Deleuze e Guattari, esse movimento infinito caracteriza uma estética especificamente nômade. O movimento de desterritorialização se volta para o Cosmo, onde ele percorre uma linha gótica ou rizomática sem direção fixa ou retilínea. A linha gótica se exprime em oposição à simetria da forma e à dominação orgânica, orientada e centrada da linha clássica. Ela possui uma potência de repetição infinita, capaz de multiplicar o número de relações entre as dimensões da realidade: esta é a positividade do pensamento como multiplicidade, que se define como um *pensamento sem imagem*. Ao traçá-la sobre o plano de imanência, Deleuze e Guattari passam a chamá-la de “linha nômade” ou linha de ação livre, e ao plano de “deserto”. Mas isto não significa que o plano seja vazio, este que corresponde à negatividade do *pensamento reflexivo*, definido como uma imagem representativa do Uno superior. Com efeito, para Deleuze e Guattari o deserto é um campo infinitamente povoado por fluxos nômades de intensidade.

A linha nômade passa *entre* os pontos de vista e as formas das figuras concretas: o nomadismo a corresponde à experiência de fluxo em meio às intensidades puras.

[...] sua motivação positiva está no espaço liso que traça, e não na estriagem que operaria para conjurar a angústia e dominar o liso. A linha abstrata é o afeto dos espaços lisos (Id., 2002e, p. 209).

Essa linha traça uma multiplicidade de relações de força e compõe blocos de afetos, corpos plenos tanto mais vivos quanto sem órgãos, pois eles consolidam tudo o que se passa *entre* os organismos. O pensamento nômade se propõe a seguir uma linha de experimentação que pode tanto preencher um corpo sem órgãos como esvaziá-lo, na medida em que as intensidades que nele circulam produzem uma infinidade de gêneros e tipos de afecção entre os corpos. Assim, a gênese de um modo substancial envolve

[...] uma análise infinita em que aquilo que é produzido sobre o CsO já faz parte da produção deste corpo, já está compreendido nele, sobre ele, mas ao preço de uma infinidade de passagens, de divisões e de sub-produções (Id., 2002c, p. 12).

Já os tipos de afecção são formas contingentes em relação ao fluxo de matéria, eles podem ou não bloquear a passagem das intensidades em um CsO. Com efeito, Deleuze e Guattari nos advertem que “pode-se fracassar duas vezes [...]. No nível da constituição do CsO e no nível daquilo que passa ou não passa” (Ibid., p. 13). Isto é, um CsO pode não chegar a ser produzido ou a não ser preenchido (o que dá no mesmo), pois as intensidades podem tanto deixar passar como bloquear umas às outras.

A heterogênese das intensidades compõe o povoamento do deserto, o dinamismo das forças que modula a relação entre os personagens rítmicos e as paisagens melódicas em cada território existencial. Segundo Deleuze e Guattari (2002d, p. 129), o importante é que essa potência de criação dos espaços lisos “não espera o homem para começar”. Há uma multiplicidade virtual, um emaranhado infinito de dinamismos intensivos que se atualiza no agenciamento maquínico dos corpos e assim encarna as relações afetivas na forma de um ritornelo existencial. Ou seja: os ritornelos agem de maneira autônoma

sobre os meios, eles extraem vibrações, funções e variações capazes de consolidar as qualidades sensíveis da matéria de expressão.

As latitudes e longitudes de um CsO nos permitem definir uma proposta clínica para a análise dos acontecimentos, um procedimento que trata de relacionar não só os acontecimentos possíveis em uma série convergente, mas relacionar também os acontecimentos impossíveis, heterogêneos e divergentes que se desdobram a partir do inconsciente. Nesse sentido, o acontecimento deve potencializar a produção de uma máquina desejante capaz de operar sínteses conectivas, disjuntivas e conjuntivas entre os pontos de vista disparatados: ele deve fazer a comunicação entre os afetos dos corpos e o plano de consistência em que se consolidam essas relações. Assim, as séries devem mapear as relações entre os traços diferenciais de um CsO: as longitudes, que mapeiam o *spatium* coletivo de distâncias intensivas entre os lugares, as paisagens onde ocorrem os personagens; e as latitudes, que avaliam os graus de intensidade de cada movimento de desterritorialização, dos vetores de diferenciação que operam a passagem ao limite entre os componentes articulados em um agenciamento territorial.

Essa cartografia deve servir para dar continuidade às linhas de experimentação, deve cuidar para que os acontecimentos sejam atualizados em séries coexistentes e sucessivas, e assim promover uma oscilação cada vez mais acelerada entre o atual e o virtual. Nesse sentido, uma linha de experimentação deve fazer oscilar os estratos até produzir um *continuum* de variação, um vetor de desterritorialização que os preencha com intensidades anorgânicas, assignificantes e assubjetivas.

A prudência é a arte das doses que deve ser observada quando se segue uma linha de experimentação: é preciso sempre lembrar que todo movimento válido ocorre nos estratos, que não há linha de fuga possível senão na superfície de estratificação, mas também não esquecer que essa linha deve se comunicar com o plano de consistência.

O pior não é permanecer estratificado, mas precipitar os estratos numa queda suicida ou demente, que os faz recair sobre nós, mais pesados do que nunca (DELEUZE; GUATTARI, 2002c, p. 23).

As máquinas desejanter produzem essas linhas de fuga no plano de consistência, onde as intensidades fundem o *eu* e o *não-eu*: “O prazer é a afecção de uma pessoa ou de um sujeito, mas [...] o que conta é que o prazer seja o fluxo do próprio desejo” (Ibid., p. 18). O que conta é que os fluxos desejanter não sejam reterritorializados por técnicas de interpretação, por decalques que viriam a fixá-los em função de um estrato orgânico, significante ou subjetivo, mas que permaneçam em contato com o plano de consistência traçado pelo seu próprio movimento. Somente assim o CsO, o plano de consistência do desejo, é capaz de conjugar suas forças com o *Socius* e operar sobre a multiplicidade dos agenciamentos coletivos (as formas e as substâncias, os órgãos e as funções, os centros de significância e de subjetivação) estratificados socialmente, para então ser capaz de preenchê-los com um *continuum* de intensidades.

Em resumo: experimentar é dosar com prudência as distensões e contrações dos estratos, é investir em movimentos de desterritorialização que desarticulam as trocas e as equivalências do sistema estratificado. *Criar um CsO é dessubjetivar os pontos de vista para compor um mapa coletivo, é também liberar o pensamento das estruturas de significância para efetuar uma máquina abstrata.* Sempre será preciso conservar um grau mínimo dos estratos, um mínimo necessário de organismo, de significância e de subjetivação para responder à realidade dominante: *é preciso saber operar sobre os estratos para poder opô-los ao seu próprio sistema se for preciso.* “Não se atinge o CsO e seu plano de consistência desestratificando grosseiramente” (Ibid). O CsO está sempre por se fazer, ele é o limite que não pára de oscilar entre os estratos e a imanência pura do plano de consistência: ele é o meio de passagem onde os vetores automoventes dos territórios adquirem velocidade, é onde as relações intensivas são bloqueadas ou liberadas, de acordo com as regras concretas que se atualizam em sua constituição.

### 3.2. O pensamento nas dobras

Os fluxos de matéria multiplicam as relações entre os osciladores moleculares e produzem blocos de devir segundo uma regra geral: *a conversão da superfície cerebral em superfície metafísica (ou psicológica)*. Essa conversão é a Dobra que projeta o fluxo de intensidades atuais sobre um campo de forças virtuais. Como assinala Deleuze em *Lógica do Sentido* (2003, p. 230, rodapé), “trata-se menos de materializar a superfície metafísica do que de seguir a projeção, a conversão, a indução do próprio cérebro”. Essa superfície se chama Pensamento – é o *spatium* onde se realiza a síntese *a priori* de todos os gêneros e de todos os tipos de CsO com a matéria intensiva do plano de consistência. A dobra produz uma multiplicidade de relações entre as intensidades atuais e seus duplos virtuais, ela processa a individuação dos seres sobre a superfície do pensamento. Um CsO só pode ser ocupados por afetos, por distâncias e graus de intensidade (suas longitudes e latitudes) que atualizam as singularidades sensíveis e integram as regras concretas de um agenciamento: essas individuações (*hecceidades*) registram a passagem de um *continuum* intensivo através da superfície cerebral de estratificação. Podemos então retomar três referências acerca dessas multiplicidades cerebrais-temporais:

- Conceituar o cérebro como uma multiplicidade real significa adotar o postulado de que *todos os componentes do cérebro entram em ressonância sem exigir uma unidade central de coordenação*. Essa afirmação encontra respaldo nas teses de Varela e Maturana (cf. 2001) acerca das “redes neurais”, que crescem por densificação de suas conexões e promovem a heterogênese das propriedades cognitivas. Nesse sentido, o saber e o mundo devem emergir ao mesmo tempo, a partir da autopoiese do mundo vivido e do vivente: o sujeito e o objeto criam-se mutuamente em um campo de interação sensível, a partir do qual a relação de conhecimento se autoconstitui em uma reciprocidade ontológica.



- A projeção das intensidades físicas sobre a superfície psicológica do pensamento implica em adotar uma abordagem perspectivista do conhecimento: *a operação de autopoiese faz com que as qualidades emergentes da relação sujeito-objeto se distribuam em uma pluralidade de pontos de vista singulares*. Essa idéia leva em conta a tendência atual da ciência do cérebro que, segundo Simondon (cf. DELEUZE, 2003, p. 230), passa a considerar a matéria viva como um meio de interação sensível, um limite de contato entre o meio interior e o meio exterior. Nesse sentido, uma multiplicidade cerebral opera a superposição dos diferentes pontos de vista através de relações disjuntivas, articulações entre singularidades sensíveis que participam da construção das qualidades da experiência real.
- A operação da máquina autopoietica não abrange somente os estratos cerebrais, pois uma multiplicidade real funciona como meio de interação para os mais diversos gêneros e tipos sobre um mesmo plano de imanência processual. Para Deleuze e Guattari, o rizoma cerebral implicado na heterogênese dos pontos de vista sustenta a tese de que “nem todo organismo é cerebrado, e nem toda vida é orgânica, mas há em toda parte forças que constituem microcérebros, ou uma vida inorgânica das coisas” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 273). Whitehead chama por “microcérebro” a cada sensação capaz de operar uma diferenciação entre os dados empíricos, de contrair as qualidades em “preensões” da matéria. Assim, entre uma preensão e o *datum* que é preendido se constitui um campo de relações intensivas: uma preensão é prolongada por outras, e todos os *data* são compreendidos em um plano de “concrecência” cerebral (cf. ALLIEZ, 1994). As interações sensíveis que distribuem os pontos de vista são integradas pelas sensações em meio a uma zona de indiscernibilidade entre o sujeito e o objeto, o interior e o exterior, o orgânico e o inorgânico, o natural e o artificial, etc.

Essas três referências resumem a maneira como Deleuze e Guattari conferem às sensações um estatuto “proto-ôntico”, que as define a partir da conservação de um grau de intensidade na memória: “a sensação é a vibração contraída, tornada qualidade, variedade” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 271). A sensação contrai as intensidades e duplica um fluxo de matéria atual em um campo virtual de forças: as forças ativas que compõem as relações na superfície cerebral conservam-se na memória como forças reativas, de modo que uma qualidade sensível se contrai em um ponto de vista singular. O problema clínico é *como operar sobre as relações que conservam a estética das sensações*: para catalisar o processo de atualização, os acontecimentos devem promover a heterogênesse entre os pontos de vista, a passagem de um *continuum* intensivo capaz de preencher as formas e substâncias do sistema estratificado.

Esse *continuum* designa a própria auto-afecção do cérebro. As sensações, as forças contraídas na memória, são duplicações das intensidades que compõem um bloco de devir. Por exemplo, ao abordar o célebre caso do Homem dos lobos, os autores dizem que “o lobo, como apreensão instantânea de uma multiplicidade em tal região não é um representante, um substituto, é um *eu sinto*” (Id., 2002a, p. 45). Ou seja, o lobo é a força ativa, o fluxo de intensidades que se contrai na sensação e projeta o Homem dos lobos em um devir-animal que entra em processo de atualização, fazendo-o participar de uma multiplicidade-lobo (ou mesmo de uma alcatéia...). Esse devir-lobo é a potência de ser afetado que projeta os fluxos de intensidade atual em um *continuum*, em uma devir que reage sobre as qualidades sensíveis do real. Essa dobra na superfície do pensamento se “cristaliza” na medida em que a sensação faz acelerar a oscilação entre o lobo virtual e o afeto atual do Homem dos lobos.

Invertendo uma argumentação fenomenológica, Deleuze e Guattari afirmam: “não é o homem que pensa, mas sim o cérebro, sendo que o homem é apenas uma

cristalização cerebral” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 269). Em vez de partir do sujeito de conhecimento capaz de organizar os traços da experiência, Deleuze e Guattari propõem um “empirismo superior” em que a *experiência real* passa a ser considerada como um campo transcendental sem sujeito, um campo onde o sujeito pode se produzir ou não, dependendo dos agenciamentos coletivos envolvidos. Esse empirismo superior trata de condicionar a definição dos sistemas de referência da ciência, isto é, ele visa submeter a extração dos functivos que desaceleram o fluxo de matéria à realização da experiência que faz emergir as singularidades de pontos de vista, os “observadores parciais” que, a cada vez, irão colocar os functivos à prova do sensível.

Os functivos *constroem* o ponto de vista a partir do qual se afirmará, *nas coisas*, a verdade sensível de uma variação que se desprende da instabilidade e da complexidade das partículas elementares (ALLIEZ, 1994, p. 66).

Nesse contexto, a sensibilidade não implica em qualquer antropomorfismo da experiência, mas na radicalização da noção de causalidade: “A noção de ‘sensibilidade’ liga aquilo que os físicos tinham o hábito de separar: a definição do sistema e sua atividade” (Prigogine e Stengers<sup>2</sup> apud ALLIEZ, 1994, p. 66).

É através de um movimento nômade, sensível ou intuitivo que o circuito de atualização efetua a contração das forças ativas em sensações na memória virtual. A conexão dos pontos de vista heterogêneos consolida um bloco de quantidades a partir dessas qualidades sensíveis advindas da experiência. Nesse bloco, as intensidades físicas são conjugadas em um mundo sensível, compondo um plano com  $n$  dimensões. A duplicação da superfície atual dos corpos em superfície virtual do pensamento segue a projeção do movimento do devir, que se afirmará em dois sentidos diferentes: um “devir-reativo” para o pensamento que conserva as forças ativas na memória, e um “devir-ativo” para o pensamento que projeta as forças reativas no esquecimento. Em

---

<sup>2</sup> I. Prigogine e I. Stengers, *Entre le temps et l'éternité*, p. 60.

todo caso, as dobras no pensamento irão duplicar as diferenças entre os traços de intensidade e projetar uma continuidade para suas relações diferenciais entre séries de acontecimentos com variações infinitas. A superfície do pensamento se constitui pela pluralidade dos pontos de vista superpostos na superfície cerebral de estratificação, pelas articulações entre as  $n$  dimensões de uma multiplicidade real.

Nesse sentido, os blocos de devir diferem entre si como uma multiplicidade de platôs intensivos superpostos, em coexistência e sucessão na superfície do pensamento. As sensações, as qualidades contraídas pelo cérebro, efetuam uma alternância entre a integração e a diferenciação dos fluxos de intensidade. Os osciladores moleculares que traçam as relações em uma multiplicidade cerebral diferenciam os pacotes de relações, os intervalos temporais em que se conjugam as qualidades expressivas. Sempre lançada no devir (ativo ou reativo), essa multiplicidade é investida pelos movimentos infinitos da matéria de expressão, pela *mudança de natureza das forças* que integram um bloco cerebral-temporal: as forças ativas entram em um devir-reativo na memória, enquanto que as forças reativas entram em devir-ativo no esquecimento.

Em resumo: o conceito de cérebro se define como um conjunto de operações capazes de atualizar uma pluralidade de forças virtuais sobre um corpo atual. Segundo Deleuze e Guattari (1992, p. 270), “o cérebro é o espírito mesmo”, ou seja, é operador das distensões e contrações dos duplos virtuais na memória, é a dobra no pensamento que duplica os fluxos de intensidade em sensações. *O fluxo de quantidades dobrado afeta a si mesmo e duplica as intensidades em fase de individuação com a memória, produzindo uma sensação que conserva suas qualidades dentro de um campo de forças.* Assim, a atualização das singularidades sensíveis é o processo de individuação dos afetos dos corpos, o movimento perpétuo do devir que duplica a superfície cerebral no tempo virtual e faz emergir a superfície psicológica do pensamento.

### 3.3. Cristais de tempo

A “etologia superior” que Deleuze e Guattari propõem não admite a filogênese como princípio de composição territorial (Lorenz), mas procura focar a criação dos blocos de devir, a autopoiese dos ritornelos existenciais que integram as qualidades expressivas dos territórios. Segundo Deleuze e Guattari, as multiplicidades cerebrais compõem um plano de Natureza, sem depender de qualquer fator extrínseco, pois um bloco de devir não possui sujeito distinto de si mesmo. Esse “cérebro-pensamento” se autoconstitui a partir da síntese entre as intensidades (vetores quantitativos) que são contraídas em sensações (propriedades qualitativas).

A natureza é um plano de univocidade entre o Ser e o pensamento, um “plano de imanência” que faz existir um modo de afecção do cérebro por si mesmo. Pensar é um movimento infinito que se faz nos interstícios, nos intervalos temporais que dividem indefinidamente o fluxo de intensidades. As variações sensíveis modulam as diferenças entre os corpos, na medida em que passam um *continuum* temporal que se encarna em uma multiplicidade cerebral. Nesse sentido, o pensamento é um processo de atualização que opera por sínteses entre as singularidades, compondo uma corporeidade vaga que integra os fluxos em uma matéria de expressão. As sínteses operam entre heterogêneos e efetuam o processo de atualização psicológica das sensações contraídas na memória.

O desafio dessa conceituação é dar conta dos modos de afecção do cérebro sob a condição da dobra na superfície do pensamento. Deleuze e Guattari (2002e, p. 89-90) dizem que “há um acoplamento ambulante *acontecimentos-afectos* que constitui a essência corpórea vaga”, um fator intermediário e autônomo estendido entre o mundo e o ser, uma “vaga identidade entre os pensamentos e as coisas”. Os conceitos de Deleuze e Guattari visam essa reversão da ontologia em uma pragmática do Ser, na qual uma pluralidade de mundos sensíveis se superpõe na superfície do pensamento.

Nesse sentido, as multiplicidades cerebrais preenchem uma zona intermediária entre as essências formais e substanciais, delineando uma materialidade molecular cuja variabilidade se prolonga pelos traços de expressão e de conteúdo, na corporeidade vaga composta pelas distâncias e pelos graus intensivos (longitudes e latitudes de um CsO). Ao modelo hilemórfico de estriagem, Deleuze e Guattari acrescentam a operação de

[...] *afectos variáveis intensivos*, que resultam da estriagem ou a tornam possível [...]. Mais que a matéria submetida a leis, vai-se na direção da materialidade que possui um *nomos* (Ibid., p. 90).

Com efeito, os fluxos moleculares são suscetíveis de variações entre “mais” e “menos”, isto é, eles são portadores de singularidades que caracterizam uma tecnologia própria aos *phylum* maquínicos da matéria em movimento, em processo de atualização: ao mesmo tempo real e virtual, “essa matéria-fluxo só pode ser *seguida*” (Ibid., p. 91). Assim, as singularidades que se atualizam no pensamento projetam as intensidades da superfície cerebral em um devir perpétuo que só pode ser apreendido pela intuição.

A dobra no fluxo de intensidades projeta linhas de fuga que estabelecem um circuito de “coalescência” entre a matéria atual e a memória virtual. A intuição é o ato de itinerância por excelência, é a operação capaz de seguir as variações singulares que entram em um processo de atualização. Deleuze e Guattari dizem que “há itinerâncias segundas onde se prospecta e se segue” (Ibid., p. 92), em que já não se segue um fluxo de matéria, mas um “entre-meio” invisível e imaterial. “Todavia, é sempre um fluxo que se segue, ainda que esse fluxo não seja mais o da matéria” (Ibid.). É importante ressaltar que aqui já não há um devir-reactivo das forças ativas na memória, mas sim um devir-ativo que projeta as forças reativas em um processo de esquecimento. A memória é uma virtualidade incorpórea em que as formas não dizem respeito à percepção – elas se conservam *em si mesmas*, como forças contraídas. Essas forças se atualizam sobre um conjunto de partículas, sempre em reciprocidade com um grau de intensidade. Contudo, essa correlação se prolonga por movimentos infinitos que mergulham em uma zona de

indiscernibilidade, acelerando as trocas entre os osciladores que passam a operar como “signos-partículas”, na passagem entre o objeto atual e as imagens virtuais.

Assim, as multiplicidades cerebrais relacionam o objeto atual com uma “névoa” de imagens virtuais, que distendem e contraem o número de suas dimensões no tempo. Segundo Deleuze, esses duplos mutantes formados pelas imagens virtuais

[...] acontecem em um tempo menor do que o mínimo de tempo contínuo pensável, e à medida que essa brevidade os mantém, conseqüentemente, sob um princípio de incerteza ou de indeterminação (Deleuze, G. in ALLIEZ, 1996a, p. 49).

Inversamente, a projeção dos duplos em um máximo de tempo pensável compõe um *continuum* em que o objeto atual se dissolve no campo das imagens virtuais.

O *continuum* de imagens virtuais é fragmentado, o *spatium* é recortado, conforme decomposições regulares ou irregulares do tempo. E o impulso total do objeto virtual quebra-se em forças que correspondem ao *continuum* parcial, em velocidades que percorrem o *spatium* recortado (Ibid., p. 50).

Com efeito, as imagens virtuais entram em um *continuum* de variação formal que permite a atualização das forças em uma matéria de expressão. Nesse circuito, “a atualização do virtual é a singularidade, ao passo que o próprio atual é a individualidade constituída” (Ibid., p. 51); como nos ritornelos existenciais, essa matéria de expressão é uma maneira singular de fabricar ritmos de tempo encarnados. O importante é que esse circuito de atualização entre a matéria e a memória produz uma oscilação, uma fusão do atual com o virtual: os autores chamaram essa formação paradoxal de *crystal de tempo*. “Essa troca perpétua entre o virtual e o atual define um cristal. É sobre o plano de imanência que aparecem os cristais” (Ibid., p. 54). Um cristal se define na coexistência entre o objeto atual e a imagem virtual no circuito mais estreito de tempo pensável, em que um termo oscila constantemente na direção do outro. Essa oscilação produz devires, processos de individuação ou cristalização em que “a pura virtualidade não tem mais que se atualizar, uma vez que é estritamente correlativa ao atual com o qual forma o

menor circuito” (Ibid., p. 54). O cristal de tempo é o limite em que o atual e o virtual atingem a sua zona de indiscernibilidade, na passagem ao limite entre um presente infinitamente sucessivo e um passado infinitamente coexistente.

Os dois aspectos do tempo, a imagem atual do presente que passa e a imagem virtual do passado que se conserva, distinguem-se na atualização, tendo simultaneamente um limite inassinalável, mas intercambiam-se na cristalização até se tornarem indiscerníveis, cada um apropriando-se do papel do outro (Ibid., p. 55).

As multiplicidades cerebrais se cristalizam nessas menores oscilações de tempo, na passagem ao limite entre o presente e o passado, entre a matéria e a memória, entre a conservação das qualidades sensíveis e a dispersão destas nos fluxos quantitativos. Segundo Deleuze, a experiência real é essencialmente cristalina: ela *fabrica* seus objetos, uma vez que se passa no limite indiscernível entre as causas sensíveis (afetos) e os efeitos de sentido (acontecimentos). Isto significa que o real só pode ser apreendido em projeção, em um bloco de devir que cristaliza as sensações no tempo. Nessas projeções, o virtual cristalizado produz diferenciações entre uma multiplicidade intempestiva de durações divergentes na experiência real. O cristal opera uma oscilação dos duplos no tempo, e assim permite a uma imagem virtual criar a própria realidade.

A experiência cristalina do devir não visa uma meta, mas sim a continuidade do movimento, o aumento de suas dimensões. O cristal é o devir-ativo em si mesmo, tal como ele se dá nas dobras de tempo entre o virtual e o atual, na divisão entre o passado que se conserva e o presente que passa. Essa “contemporaneidade” que se instaura entre o atual e o virtual produz uma coexistência entre séries de acontecimentos divergentes, que se repetem e se transformam. Nesse sentido, a escrita cristalina do real trabalha com a virtualidade que se propaga em um campo de impossíveis, onde as séries não se distinguem mais pelo critério do verdadeiro e do falso. As séries se distinguem somente pela “potência do falso” (DELEUZE, 1990, p. 161), ou seja, pela afirmação da vontade de potência dominante que é capaz de levar ao limite todas as



diferenças “inexplicáveis” instauradas no presente, assim como todas as duplicações “indecidíveis” do passado em mundos impossíveis.

A questão não é mais distinguir entre o que é real e o que é imaginário. Deleuze recusa o conceito de imaginário, excessivamente impregnado pela noção de irrealidade. O imaginário seria mais bem definido a partir do circuito entre o atual e o virtual, da zona de indiscernibilidade entre o real e o irreal. A imaginação como potência do falso é o devir-ativo do esquecimento, é a criação do impossível a partir das ficções possíveis. A superação do imaginário pelo conceito de virtual aponta na direção de um tempo puro liberado dos objetos e das imagens representativas: a cristalização age nos interstícios em que o tempo se bifurca entre o atual e o virtual – *imagem-tempo*<sup>3</sup>. Contemporânea do presente e do passado, a imagem-tempo cinda o tempo em duas direções,

[...] uma se lançando na direção do futuro e outra caindo no passado. É preciso que o tempo se cinda ao mesmo tempo em que se desenrola: [...] faz passar todo o presente e conserva todo o passado (Ibid., p. 102).

É essa cisão fundamental do tempo que vemos através do cristal, da imagem-tempo que não é o tempo em sua forma *a priori*, mas sim a forma *a priori* que nos permite ver o tempo como uma multiplicidade heterogênea, crônica e não-cronológica, um *Aion* ilimitado. Os cristais de tempo produzem um corte temporal que processa a diferenciação entre os acontecimentos, mas não a partir da compossibilidade das séries, a partir de um passado supostamente portador da verdade. A diferenciação parte de uma virtualidade de mundos impossíveis onde todos os acontecimentos se entrecruzam, contraindo ao máximo um passado que só existe nas *pontas do presente* desatualizado.

Se as imagens-tempo são indiscerníveis em relação ao passado, é porque elas condensam uma potência de falsificação capaz de virtualizar o atual na memória e inscrevê-lo em uma temporalidade essencialmente amorfa. O importante é o efeito de

---

<sup>3</sup> Segundo Deleuze, foram os cineastas do pós-guerra que inventaram essa “imagem-tempo”, a imagem-cristal que substitui o critério de distinção entre o real e o imaginário pela potência do falso.

sentido que se produz entre as imagens, pois o cristal que não se confunde com as imagens-tempo que são suas causas. A cristalização das imagens no presente atravessa por *lençóis de passado*, que são as próprias formas do passado condensadas em uma imagem-tempo. Comparando esse circuito de cristalização ao esquema bergsoniano da memória como um cone invertido, Deleuze descreve os processos da memória passando pelos estados coexistentes e sucessivos do inconsciente até atingir a lembrança pura, a imagem-tempo que condensa todo o passado no menor dos presentes.

O passado não se confunde com a existência mental das imagens-lembrança que o atualizam em nós. É no tempo que ele se conserva: é o elemento virtual em que penetramos para procurar a “lembrança pura” que vai se atualizar na “imagem-lembrança” (Ibid., p. 121).

A imagem-tempo é o passado virtualizado nas pontas do presente, e não uma lembrança que se conserva: é um mínimo de tempo contraído no presente que condensa um máximo de passado “na ponta extrema do já-aí”. O que passa ao esquecimento é o presente, enquanto o passado se condensa em círculos maiores ou menores de memória.

Entre o passado como pré-existência em geral e o presente como passado infinitamente contraído há, pois, todos os círculos do passado que constituem outras tantas regiões, jazidas, lençóis estirados ou retraídos: cada região com seus caracteres próprios, seus tons, aspectos, singularidades, pontos brilhantes, dominantes. Conforme a natureza da lembrança que procuramos, devemos saltar para este ou aquele círculo (Ibid., p. 121).

Em resumo: os cristais de tempo efetuam o devir-ativo da consciência sensível. Cristalizar é compor um plano de consistência para as qualidades da experiência, é o ato de consistência que trabalha sobre uma multiplicidade material ou imaterial, sobre um fluxo de tempo essencialmente amorfo. O tempo só pode ser visto através dos cristais, mas o que um cristal de tempo nos mostra é que *o passado é aquilo que estamos sempre em vias de diferir*. Essa diferenciação, na qual nos projetamos diretamente na realidade do devir, corresponde à perpétua oscilação entre o virtual e o atual, à vertigem de um Aion ilimitado que nos arrasta perpetuamente para fora de nós mesmos.

## CONCLUSÃO

O processo de investigação deste estudo orientou-se em razão dos problemas que surgem da própria definição do conceito de multiplicidade. Longe de circunscrever um campo sistemático de aplicação, a pesquisa revelou a capacidade desse conceito em se aplicar aos mais diversos sistemas de pensamento: *a multiplicidade do real é o próprio problema* que, uma vez colocado de maneira precisa, traz consigo a sua própria solução. Contudo, as dificuldades suscitadas pela aplicação do conceito multiplicam as nossas incertezas, na medida em que as variações sobre um tema trazem consigo uma rede conceitual cada vez mais complexa e assim nos exige um trabalho de análise incessante. Qualquer conclusão que poderíamos extrair deste estudo não deixaria de ser provisória, pois seria uma maneira de instaurar uma ruptura no processo de investigação e julgar, à luz dos resultados obtidos, o que seria supérfluo e o que seria essencial para atingirmos o nosso objetivo. Portanto, temos conhecimento da dificuldade em determinar com rigor acadêmico os limites dessa investigação, mas ainda assim modestamente nos propomos a cumprir essa etapa conclusiva de uma maneira minimamente satisfatória.

A estruturação deste estudo se dividiu em tópicos que visam enfocar o problema das multiplicidades reais em razão de determinados temas destacados da leitura da obra dos autores. Nada há de original nesta pesquisa, não nos propusemos a criar uma teoria. Tampouco nos propusemos a introduzir o leitor a uma “teoria das multiplicidades em Deleuze e Guattari”: de certa maneira, podemos dizer que a satisfação do leitor não nos preocupou durante a execução desta pesquisa. Conhecemos as muitas críticas a que nos submetemos com essa afirmação, mas não podemos admitir que as exigências do leitor (eventualmente muito justificadas) por uma maior acessibilidade, clareza e distinção conceitual, etc., assumam a direção do nosso trabalho. Tudo o que pedimos ao leitor insatisfeito é um pouco de paciência, para que possamos mostrar onde quisemos chegar.

O nosso objetivo sempre foi mergulhar em nossas referências para extrair um movimento autopoietico de conceitos, experimentando suas articulações e ampliando as margens entre seus modos de operação. Tal como um cientista no laboratório trabalha sobre hipóteses provisórias, testando variáveis em função de experiências controladas, nós trabalhamos também com idéias imprecisas e impressões inexatas que conduzem a fracassos sucessivos, que só podem ser superados através da experimentação. Contudo, pouco se vê desse trabalho árduo do cientista na publicação de seus resultados, o que já não é o nosso caso, pois o nosso laboratório chama-se “texto”, e a nossa experimentação é a própria escrita. Sem dúvida, poderíamos sempre reformular nosso texto, mas isso nos exigiria sempre voltar ao ponto de partida, em vez de dar continuidade ao processo de investigação. Gostaríamos de nos colocar então como os monitores que recebem uma visita em seu “laboratório”, mas não podemos oferecer-lhe mais do que o sistema conceitual que construímos para nós mesmos no desenvolvimento do trabalho.

Nesse sentido, não pretendemos nos colocar acima de objeções, absolutamente. Estas serão sempre válidas na medida em que nos permitem acrescentar novos ângulos de investigação, mas seria uma ilusão acreditar que chegaríamos a um ponto pacífico através de uma discussão dos temas que trabalhamos. Como dizia Deleuze, o conceito é muito mais da ordem do dissenso que do consenso, ou seja, não estamos em busca de conceitos universais; pelo contrário, estamos sempre travando uma batalha contra as opiniões preconcebidas, seja pela mídia, seja pelo Estado, seja pelo meio acadêmico. Não temos nenhuma pretensão em converter o leitor para um “pensamento deleuzeano”: o próprio Deleuze dizia que seus conceitos deveriam valer apenas na medida em que nos fossem interessantes ou úteis. Essa era a sua “pop-filosofia”. Assim, nos aliviámos do fardo de carregar verdades acabadas, não precisamos assumir nada, definitivamente: não pretendemos assumir “o real como ele é”, apenas perguntamos como ele *deve*.

A multiplicidade é a realidade do devir, esse é o problema que *deve ser colocado com precisão*. O objetivo maior dessa investigação é encontrar um método de precisão para uma análise psicológica da multiplicidade de relações que se produz na realidade. Esse ideal de precisão foi preconizado por Bergson como objetivo do método intuitivo, que se propõe a pensar a duração nos fenômenos: na esteira do bergsonismo, Deleuze e Guattari propõem que a intuição é o próprio método das ciências nômades, e que o ideal de precisão é atingido com a *expressão literal* do devir, isto é, na afirmação do múltiplo como condição imanente dos processos da vida.

Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido (DELEUZE, 1997, p. 11).

Nesse sentido, o devir deve ser avaliado em função de um critério de direito, um princípio ético imanente às suas próprias relações: quais são as forças que o constituem, qual é a vontade de potência que nele se afirma? O que pode um corpo, quais os afetos singulares que compõem uma vida? Ninguém pôde colocar o problema do devir com mais precisão que Spinoza ou Nietzsche: é sempre em função de forças ativas e reativas que o devir se afirma, ou seja, da potência de afetar-ser afetado que se define um corpo. O critério é a quantidade de relações qualitativas entre as forças, a latitude e a longitude dos corpos: a avaliação ética do devir é uma medida da vontade de potência afirmativa, dos afetos de alegria que compõem um corpo, ou então da vontade de potência negativa, dos afetos de tristeza que o decompõem.

Haverá então uma dupla avaliação do devir em função de suas regras concretas: um *devir-reactivo* para as forças ativas, mas ainda, um *devir-ativo* para as forças reativas. Nessa dobra ontológica das forças, o Ser do devir afirma-se, primeiro, como múltiplo: investidas por uma vontade de potência negativa, as forças entram em um devir-reactivo que as *redobra* na memória; mas, investidas por uma vontade de potência afirmativa, as

forças entram em um devir-ativo que as *desdobra* no esquecimento. O campo de forças em que se relacionam os processos da memória e do esquecimento funda uma superfície psicológica, em que o devir afirma-se uma segunda vez, duplicando-se em pensamento: o devir-reativo *duplica* a ação no pensamento, enquanto que o devir-ativo *reduplica* o pensamento na ação. Para usarmos a terminologia de Nietzsche: as forças ativas, quando perdem a capacidade de agir, tornam-se afirmação reativa ou *ressentimento*, enquanto que as forças reativas, quando ganham capacidade de agir, tornam-se negação ativa ou *autodestruição*. A vontade de potência negativa produz os valores do niilismo, enquanto que a vontade de potência afirmativa produz a transmutação dos valores reativos em valores ativos, isto é, a transvalorização que supera o niilismo por ele mesmo.

A negação ativa, a destruição ativa, é o estado dos espíritos fortes que destroem o que neles há de reativo, submetendo-o à prova do eterno retorno e submetendo-se a si mesmos a esta prova, com o risco de quererem o declínio de si mesmos (DELEUZE, 1976, p. 57).

O eterno retorno como dupla afirmação do devir é o critério ético do pensamento que opera como imperativo prático de seleção e criação de valores: “o que tu quiseres, queira-o de modo que também queiras seu eterno retorno” (Ibid, p.56). A afirmação é o acontecimento que se efetua na superfície dos corpos, mas a “afirmação da afirmação” é o seu eterno retorno, a contra-efetuação do acontecimento na superfície do pensamento. O pensamento nas dobras é o movimento de contração e distensão do virtual no tempo: a duplicação do presente contrai o passado na memória, enquanto que a reduplicação do passado distende o presente no esquecimento. Portanto, nunca é o passado que retorna; o que retorna é o *acontecimento puro*, capaz de desdobrar a memória no esquecimento. A contra-efetuação é o devir-ativo das dobras no pensamento, é a transvalorização que afirma o acontecimento uma segunda vez, transmutando as forças reativas da memória. *Querer o acontecimento é selecionar no que acontece aquilo que queremos para nós*, não como eterno retorno do Mesmo, mas como o eterno retorno da Diferença.

O acontecimento é o sentido daquilo que nos acontece, e não um mero acidente. Nós encarnamos o acontecimento na afirmação de seu eterno retorno, para além de tudo o que é vivido ou vivível, como diz Deleuze. A carne se ressentida da ferida, pois ela vive o sentido do que acontece como a efetuação de um afeto que a decompõe. Mas querer o acontecimento é a contra-efetuação em que a ferida da carne sofre uma transmutação: “minha ferida existia antes de mim, nasci para encarná-la” (DELEUZE, 2003, p. 151). Assim, a ferida como acontecimento incorpóreo e impessoal entra em um devir-ativo, que reduplica sua representação na superfície do pensamento e faz oscilar as pontas do presente em um *Aion* infinito, em um passado-futuro que passa por universos virtuais, por mundos impossíveis com séries de acontecimentos divergentes.

Nossa conclusão chega então à seguinte definição para a clínica do pensamento: *fundamentalmente, é pela seleção ativa do sentido que se decompõe o ressentimento*. Os valores mudam de sentido de acordo com cada ponto de vista, a doença pode servir de afirmação para um ponto de vista sobre a saúde, tal como a moral, para um ponto de vista sobre a dor. “Ou a moral não tem sentido nenhum ou então é isto que ela quer dizer, ela não tem nada além disso a dizer: não ser indigno daquilo que nos acontece” (Ibid.). Imoral é considerar o acontecimento como injusto ou não merecido, como falta ou como culpa do outro. *A contra-efetuação é a arte do humor*: devir-ativo da tristeza através da “amoralidade” da alegria, a intensificação da vida para além de bem e mal. Como um jogo de superfícies entre os corpos e o pensamento, como uma oscilação infinitesimal que divide cada instante entre “antes” e “depois”, o humor corresponde à própria fábrica dos cristais de tempo: as pontas do presente não param de se adiantar e se atrasar em relação a um passado-futuro repleto de duplos incertos e mortes parciais, de acontecimentos puros que encarnam na subjetividade da experiência sensível, enfim, na criação dos sentidos que fazem do corpo a sua própria matéria de expressão.

## REFERÊNCIAS

- ALLIEZ, Eric. (1994) *A assinatura do mundo*. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- ALLIEZ, Eric. (1996a) *Deleuze filosofia virtual*. São Paulo: Ed. 34.
- ALLIEZ, Eric. (1996b) *Da impossibilidade da fenomenologia*. São Paulo: Ed. 34.
- ALLIEZ, Eric. (org.) (2000) *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Ed. 34.
- BADIOU, Alain. (1997) *Deleuze: o clamor do Ser*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- BERGSON, Henri. (1999) *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes.
- BERGSON, Henri. (2004) *O riso*. São Paulo: Martins Fontes.
- BUCCI-GLUCKSMANN, Christine. (2004) “A loucura do ver: uma estética do virtual”.  
*Outra travessia*, Florianópolis, vol. 3, no. 1, pp. 26-38.
- CARVALHO, Jairo Dias. (2005) “A imanência, apresentação de um roteiro de estudo sobre Gilles Deleuze”. *Trans/Form/Ação*, Marília, vol. 28, no. 1, pp. 119-132.
- COIMBRA, Cecília; LEITÃO, Maria Beatriz Sá. (2003) “Das essências às multiplicidades: especialismo psi e produções de subjetividades”. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, vol. 15, no. 2, pp. 06-17.
- COSTA, Sylvio de Sousa Gadelha. (2005). “De fardos que podem acompanhar a atividade docente ou de como o mestre pode devir burro (ou camelo)”.  
*Educação & Sociedade*, Campinas, vol. 26, no. 93, pp. 1257-1272.
- DELEUZE, Gilles. (1968) *Spinoza et le problème de l'expression*. Paris: Minuit.
- DELEUZE, Gilles. (1974) *Nietzsche*. Paris: PUF.
- DELEUZE, Gilles. (1976) *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Ed. Rio.
- DELEUZE, Gilles. (1983) *Apresentação de Sacher-Masoch*. Rio de Janeiro: Taurus.
- DELEUZE, Gilles. (1990) *Cinema 2 – A imagem-tempo*. São Paulo: Brasiliense.
- DELEUZE, Gilles. (1991) *A dobra – Leibniz e o barroco*. Campinas: Papirus.
- DELEUZE, Gilles. (1997) *Différence et répétition*. Paris: PUF.
- DELEUZE, Gilles. (1998) *Diálogos*, com Claire Parnet. São Paulo: Escuta.
- DELEUZE, Gilles. (1999) *Bergsonismo*. São Paulo: Ed. 34.
- DELEUZE, Gilles. (2001) *Crítica e clínica*. São Paulo: Ed. 34.
- DELEUZE, Gilles. (2002a) *Conversações*. São Paulo: Ed. 34.
- DELEUZE, Gilles. (2002b) *Espinosa, filosofia prática*. São Paulo: Escuta.
- DELEUZE, Gilles. (2003) *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva.
- DELEUZE, Gilles. (2005) *Foucault*. São Paulo: Brasiliense.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. (1976) *O anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Imago.



- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. (1992) *O que é a filosofia?* São Paulo: Ed. 34.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. (1997) *Kafka – Por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. (2002a) *Mil platôs*, vol. 1. São Paulo: Ed. 34.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. (2002b) *Mil platôs*, vol. 2. São Paulo: Ed. 34.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. (2002c) *Mil platôs*, vol. 3. São Paulo: Ed. 34.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. (2002d) *Mil platôs*, vol. 4. São Paulo: Ed. 34.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. (2002e) *Mil platôs*, vol. 5. São Paulo: Ed. 34.
- EIRADO, André do; PASSOS, Eduardo. (2004) “A noção de autonomia e a dimensão do virtual”. *Psicologia em estudo*, Maringá, vol. 9, no. 1, pp. 77-85.
- FOUCAULT, Michel. (1997) *Nietzsche, Freud e Marx*. São Paulo: Princípio.
- FOUCAULT, Michel. (2000) *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- FOUCAULT, Michel. (2001) *O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal.
- FOUCAULT, Michel. (2002) *O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal.
- FOUCAULT, Michel. (2003) *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU.
- FOUCAULT, Michel. (2004) *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes.
- GALLO, Sílvio. (2003) *Deleuze e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica.
- GROS, Frédéric. (org.) (2004) *Foucault: a coragem da verdade*. São Paulo: Parábola.
- GUATTARI, Félix. (1987) *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense.
- GUATTARI, Félix. (1990) *As três ecologias*. Campinas: Papyrus.
- GUATTARI, Félix. (2000) *Caosmose*. São Paulo: Ed. 34.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. (1986) *Micropolítica*. Petrópolis: Vozes.
- HARDT, Michael. (1996) *Gilles Deleuze – Um aprendizado em filosofia*. São Paulo: Ed. 34.
- KLOSSOWSKI, Pierre. (2000) *Nietzsche e o círculo vicioso*. Rio de Janeiro: Pazulin.
- LINS, Daniel; PELBART, Peter. (orgs.) (2004) *Nietzsche e Deleuze – Bárbaros, civilizados*. São Paulo: Annablume.
- LOBO, Lilia Ferreira. (2004) “Pragmática e subjetivação: por uma ética impiedosa do acontecimento”. *Psicologia em estudo*, Maringá, vol. 9, no. 2, pp. 195-205.
- MACHADO, Leila Domingues. (2001) “O desafio ético da escrita”. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, vol. 16, no. 1, pp. 146-150.
- MACHADO, Roberto. (1990) *Deleuze e a filosofia*. Rio de Janeiro: Graal.
- MACHADO, Roberto. (1999) *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: Graal.

- MACHADO, Roberto. (2000) *Foucault e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- MACHADO, Roberto. (2001) *Zaratustra, tragédia nietzschiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- MARTIN, Jean-Clet. (1993) *Variations: la philosophie de Gilles Deleuze*. Paris: Payot.
- MATURANA, Humberto; MPODOZIZ, Jorge. (1992) *Origen de las especies por medio de la deriva natural*. Santiago: Museu de história natural do Chile.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. (2001) *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena.
- MERLEAU-PONTY, Maurice (1971). *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva.
- NIETZSCHE, Friedrich. (1998) *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras.
- NIETZSCHE, Friedrich. (2000) *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Companhia das Letras.
- NIETZSCHE, Friedrich. (2001) *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras.
- NIETZSCHE, Friedrich. (2004) *Aurora*. São Paulo: Companhia das Letras.
- OLIVEIRA, Luciana Medeiros de. (2005) “Tecnologia e subjetivação: a questão da agência”. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, vol. 17, no. 1, pp. 56-60.
- ORLANDI, Luis B. Lacerda. (2004) “Corporeidades em minidesfile”. *Unimontes Científica*, Montes Claros, vol. 6, no. 1.
- PARENTE, André. (org.) (1993) *Imagem-máquina*. São Paulo: Ed. 34.
- PARPINELLI, Roberta Stubs; SOUZA, Edmilson Wantuil Freitas de. (2005) “Pensando os fenômenos psicológicos: um ensaio esquizoanalítico”. *Psicologia em estudo*, Maringá, vol. 10, no. 3, pp. 479-487.
- PELBART, Peter. (1988) *A nau do tempo-rei*. Rio de Janeiro: Graal.
- PELBART, Peter. (1989) *Da clausura do fora ao fora clausura*. São Paulo: Brasiliense.
- PRADO JUNIOR, Bento. (1988) *Presença e campo transcendental*. São Paulo: Edusp.
- RAGO, Margareth; ORLANDI, Luis; VEIGA-NETO, Alfredo. (orgs.) (2002) *Imagens de Foucault e Deleuze – Ressonâncias nietzschianas*. São Paulo: DP&A.
- ROLNIK, Suely. (1989) *Cartografia sentimental*. São Paulo: Estação Liberdade.
- SCHÖPKE, Regina. (2004) *Por uma filosofia da diferença – Gilles Deleuze, o pensador nômade*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Edusp.
- SPINOZA, Baruch. (1983) *Ética*. Coleção “Os pensadores”, São Paulo: Abril Cultural.
- VIRILIO, Paul. (1993) *O espaço crítico*. Rio de Janeiro: Ed. 34.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)